

# REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 12

Dezembro de 1919

Ano LXXI

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*  
Composição e impressão na TIPOGRAFIA DA EMPRESA DIARIO DE NOTICIAS  
Rua do Diario de Noticias, 78 — Lisboa

## LIÇÕES DA GRANDE GUERRA

III

(Continuado da pag. 654)

### **O automobilismo na Alemanha**

As tropas automobilistas deste país foram organizadas em 1907.

O exército alemão fez largo emprego de comboios automóveis compostos dum tractor e duma ou mais viaturas, puxadas pelo tractor que era accionado por um motor de 35 cavalos, ou de maior força, de maneira a assegurar a velocidade de 12 quilómetros à hora, quando as viaturas tinham as rodas chapeadas de ferro, ou de 16 quilómetros se essas rodas eram revestidas de caoutchouc, em condições de vencer declives de  $\frac{1}{7}$  e de percorrer 100 quilómetros por dia em planície, ou 60 quilómetros em terreno de montanha.

Podem conduzir de 6 a 30 toneladas de carga, segundo o número das viaturas atreladas.

As viaturas automóveis separadas utilizam-se também para cargas pesadas até 4 toneladas, mas, neste caso, só podem seguir por boas estradas.

As mais rápidas acompanham as divisões de cavalaria; as menos fortes são destinadas para o transporte de bagagens, viveres etc.

Os automóveis para a condução de pessoas, além de veiculos de transporte, são ao mesmo tempo órgãos de ligação e de transmissão de ordens.



Os empregados pelo estado maior deslocam-se com grande rapidez, permitindo aos oficiais aproveitar maior espaço de tempo no trabalho e chegarem a tempo ao seu destino.

As tropas dos serviços de caminhos de ferro, telégrafos e Cruz Vermelha utilizam também automóveis pessoais de grande velocidade.

Os automóveis couraçados são especialmente empregados na exploração do terreno, antes do combate, e na perseguição depois duma vitória.

Os auto-canhões têm por missão principal perseguir os aparelhos aeronauticos adversos estabelecidos em cruzeiros aereos e os que procuram lançar bombas sôbre determinados locais.

No serviço de étapes empregam-se camions muito resistentes e outras viaturas apropriadas para conduzir canhões pesados, munições, material sanitario, material de aprovisionamento, o correio de campanha, aparelhos de desinfecção, filtros para água, projectores electricos, aviões, aparelhos opticos, altares de campanha, aparelhos productores de hidrogénio para encher globos captivos, garrafas com gases, mapas e variados utensílios indispensáveis ao exército.

Os omnibus-automoveis e os camions servem para o transporte de destacamentos de infantaria e de feridos de menos gravidade.

Os omnibus dispõem duma grande força de 22 a 35 cavalos, vencem os declíves de 1/7 e atingem a velocidade de 18 a 27 quilómetros à hora.

As pequenas viaturas (Klein-Auto) de 4 a 6 cavalos, para 2 a 4 pessoas, têm uma velocidade média de 30 a 40 quilómetros à hora; circulam com facilidade aos lados das colunas, ou em caminhos ordinários.

As grandes viaturas (Tourenwagen) dispõem dum motor de 16 cavalos, pelo menos, garantindo uma velocidade média de 40 quilómetros à hora, vencendo declives de 1/15 e percorrendo 200 quilómetros à hora.

As motocicletas pódem atingir a mesma velocidade se dispozerem de condutor hábil e seguirem por uma boa estrada.



## **O automobilismo nos exércitos inglês e norte americano**

Para a tracção mecânica, o exército inglês na frente ocidental (Flandres), utilizava diversos modelos de viaturas automoveis, algumas das quais pouco diferiam das empregadas no exército francês.

O tipo mais usual consistia num grande camion, teóricamente de quatro toneladas de carga util, que na prática ficava reduzida a três toneladas, como limite máximo.

Apresentou alguns exemplares de motor a vapor, mas a quasi totalidade dos automoveis empregavam a essencia como combustivel.

Segundo a natureza da carga que habitualmente conduzia, cada viatura tinha exteriormente pintada a figura designativa do conteúdo transportado, munições de artilharia, de infantaria, viveres, etc. . .

Foram os ingleses os primeiros a empregar o camion de combate, ou carro de assalto, a que adiante nos referiremos.

A organização do automobilismo militar nos Estados Unidos pressupunha como unidade orgânica a companhia, a que eram atribuidos os necessários elementos em material e pessoal,

Cada companhia dispunha de 30 auto-camions de carga, um auto-cozinha, um auto-oficina para efectuar reparações, um auto de socorro com reserva de ferramenta e de combustivel.

Na marcha, as viaturas automoveis desfilavam em escalões de 10 viaturas.

Os escalões eram separados por distâncias grandes.

A companhia dispõe ainda duma viatura para pessoal (oficiais e chefes de secção), além dum certo número de motocicletas para a exploração das estradas a seguir e para estabelecer ligações.



**O automobilismo, poderoso auxiliar das operações desde o princípio da guerra. A sangrenta jornada do Marne**

Ninguém poderá, em rigôr, contestar que as avultadas despesas feitas com as viaturas automoveis sejam plenamente justificáveis, em vista do papel preponderante que têm desempenhado em campanha, como se evidenciou exuberantemente na ultima guerra, tanto nas operações da frente ocidental, como nas da frente oriental.

A rapida exposição de alguns casos característicos de guerra, em que o automobilismo prestou os mais assinalados serviços, virá confirmar plenamente esta asserção.

Perdida a batalha de Charleroi, que durou de 20 a 23 de agosto de 1914, Joffre ordenára em 24 a retirada dos 3.º, 4.º, e 5.º exércitos franceses e a do exército inglês em direcção ao Sena.

O 1.º exército (Dubail) continuava entre Belfort e St. Die, cobrindo Epinal e as passagens dos Vosges, ao passo que o 2.º exército (Castelnau) se conservava entre o Mozella e Donon, cobrindo Toul e Nancy.

Apoiando em Verdun o flanco direito do 3.º exército (Sarrail) e em Paris o flanco esquerdo da sua extensa linha de batalha, a coberto do Marne, confiava o generalissimo francês poder restabelecer o equilíbrio de forças e passar novamente à ofensiva com o auxilio dos importantes reforços de tropas e de material enviados de Lyon, Bordeus, Saint-Nazaire, Besançon e Belfort, reforços que começaram desde logo a concentrar-se em Melun, Troyes e em outros pontos proximos do Sena.

Para o transporte destes elementos de combate empregaram-se em larga escala, não só as linhas ferreas, mas as viaturas automoveis disponíveis.

Joffre estabelecera o seu Quartel General em Bar sur Aube.

O 4.º exército (Langle de Cary) retirava em direcção de Vitry-le-François.

O 5.º exército experimentando grandes perdas na retirada sôb as ordens de Lanrezac, passou a ficar sôb o comando do



general Franchet d'Esperay. — Procurava alcançar a margem S. do Grand Marin.

A perseguição activíssima feita pelo exército alemão, que chegou a realizar marchas de 50 quilómetros, tendia a converter a retirada numa verdadeira debandada, segundo se depreheende da versão do jornal *La France* de que Gustavo le Bon reproduz alguns trechos no seu interessante livro *Enseignements psychologiques de la guerre europeenne*.

Não obstante tão activa perseguição, os I, II e III exércitos alemães haviam perdido o contacto com o inimigo desde 2 de setembro.

A sua cavalaria atravessára já o Ourcq, dirigindo-se para o Marne e lançando fortes patrulhas sobre o Grand Morin.

No dia 3 a ala estratégica alemã, constituída pelo I exército do comando de Von Kluck, havia atingido a linha Senlis-Creil-Nanteuil e a situação da França parecia desesperada.

Esperava-se que Paris fôsse investida, mas o comando alemão seguindo o princípio fundamental da guerra moderna, preconizado por Von der Goltz, atinente a *tomar como primeiro objectivo do ataque o principal exercito inimigo*, relegara para mais tarde esse investimento e, nessa ordem de ideas, Von Kluck fez inflectir as suas testas de coluna para Sueste, na direcção Meaux-Coulommières, deixando Paris a Oeste, no intuito visível de acentuar a manobra de envolvimento da ala esquerda dos franceses.

Nessa direcção, segundo as ultimas comunicações da cavalaria de descoberta alemã, haviam retirado as colunas do 5.º exercito francês, que em Saint Quentin combatera na ala esquerda da ordem de batalha, o que levára naturalmente Von Kluck a supôr que esse exercito constituiria ainda a extrema esquerda da linha francesa em retirada.

O habil general alemão acariciara, porventura, a fagueira esperança de alcançar com a sua manobra resultados estrategicos talvez superiores aos obtidos por Moltke em Sedan.

Mas, ao inflectir as suas testas de coluna na direcção S.E, Von Kluck não fizera esclarecer convenientemente por massas de cavalaria, ou pela aviação, o terreno no seu flanco direito entre Nanteuil e Pontoise, o que lhe permitiria reconhecer a presença de importantes forças inimigas a N.E. da capital francesa.



O ousado general alemão desconhecia, portanto, a existência do novo exercito francês, o 6.º, que o espirito previdente de Gallieni, governador militar de Paris, fizera improvisar e seguidamente reforçar com algumas divisões provenientes dos 1.º e 2.º exercitos, transportadas à pressa em caminho de ferro para a região de Amiens, no intuito de as utilizar na defeza movel da capital.

Este exercito que começara a concentrar-se a S. de Amiens, sob o comando do general Maunoury, tivera de retrogradar para se conformar com o movimento geral de retirada, ocupando depois da marcha retrograda de 3 de setembro a linha Dammartin-Pontoise, tendo na sua frente o exercito de Von Kluck, que nesse dia ocupara a linha Creil-Senlis-Nanteuil.

Parece, pois, confirmado que o alto comando alemão desconhecia ainda no dia 4 de setembro a existencia deste 6.º exercito francês no sector N.E. do campo intrincheirado de Paris, assim como ignorava que no bosque de Crecy, a S.E. da mesma cidade, se houvessem reconstituído os três corpos do exercito inglês que, sob o comando de French, se supunha haverem retirado para a sua base marítima de operações Calais-Boulogne.

O general alemão, julgando-se seguro de não ser atacado pela sua direita, limitára-se, ao inflectir as testas das suas colunas na direcção S.E., a cobrir o flanco exposto pelo 4.º corpo de exercito de reserva, que tomara posição a E. de S<sup>t</sup>. Souppletz, entre os rios Therouanne e Marne, na linha Marcilly-Penchard.

Na manhã de 4, o general Gallieni, que se achava nos postos avançados do 6.º exercito, foi informado pelos seus aviadores da mudança de direcção para S.E., executada pelas colunas do exercito de Von Kluck.

Apreciando com justeza a situação, Gallieni interpretou logo com o seu golpe de vista de aguia esta mudança de direcção como uma manobra destinada ao envolvimento do exercito inglês e do 5.º exercito francês, que pertenciam à ala esquerda da ordem de batalha.

Resolveu desde logo surpreender o adversario em flagrante delicto de manobra atacando-lhe a ala direita que se prestava a um envolvimento.



Nesta conformidade ordenou a Maunoury que fizesse concentrar imediatamente o 6.º exercito sobre a sua direita, frente a Dammartin, para no dia imediato atacar a guarda de flanco alemã.

Acto contínuo pôz-se em comunicação telefonica com o generalissimo Joffre, a quem expoz a situação criada e o seu ponto de vista atinente a tirar todo o partido do movimento arriscado de Von Kluck, convencendo-o a fazer cessar imediatamente a retirada do exercito francês e a retomar sem perda de tempo a ofensiva em tôda a frente.

Postos de acôrdo nesta decisão, foram expedidas na tarde de 4 pelo generalissimo Joffre as precisas ordens para na madrugada de 6 passarem à ofensiva os exercitos da ala esquerda, isto é o inglês e os 6.º, 5.º e 9.º franceses.

Êste ultimo havia sido organizado recentemente o occupava, sob o comando de Foch, a zona de Sommesons a Sezame entre o 4.º e o 5.º exercitos franceses.

Com as três divisões do campo intrincheirado e com as tropas da guarnição de Paris havia Gallieni constituido o 8.º exercito.

No dia 5 expediram-se as ordens relativas à ofensiva dos 3.º e 4.º exercitos (centro da ordem de batalha), assim como as instruções sobre a conduta dos 1.º e 2.º exercitos (ala direita).

No dia 6 foi distribuida a famosa proclamação de Joffre começando por estas palavras:

«No momento em que se trava uma batalha de que depende a salvação do país, é impreterivel lembrar a todos que a situação não permite já olhar para traz; todos os esforços devem convergir a atacar e a repelir o inimigo...»

### **Superioridade estrategica dos franceses ao iniciar-se a batalha do Marne**

O movimento arriscado de Von Kluck no dia 4 de setembro proporcionara a Joffre a superioridade estrategica, que elle habilmente aproveitou para travar batalha.

Com efeito, o desenvolvimento estrategico do exercito anglo-francês no dia 5 de setembro era sobremaneira favora-



vel para fazer frente ao vitorioso exército alemão e oferecer-lhe batalha.

Avançado nos flancos e recuado no centro, esse dispositivo affectava sensivelmente a forma duma meia lua, com a reintrancia ou concavidade voltada para o adversario.

Entrando nessa concavidade o I exército alemão (Von Kluck), que procurava envolver o 5.º exercito francês, era, por seu turno, envolvido pelo 6.º exército francês, que ocupava uma posição de flanco relativamente á direcção da marcha do adversário.

A situação estratégica da linha alemã não estava só comprometida no flanco direito (Von Kluck), mas ainda no flanco esquerdo, em que o exército do Kromprinz lutava desde o dia 2 sempre com o seu flanco esquerdo ameaçado pelo 3.º exército francês (Sarrail).

O generalissimo Joffre antevia a possibilidade de realizar o duplo movimento envolvente, preconizado pelos alemães como tipo classico a seguir na *batalha de destruição*, que o talentoso general Von Schlieffen tão proficientemente desenvolveu no seu estudo sobre a celebre batalha de Canas, magistralmente dirigida pelo maior capitão da antiguidade, Annibal, comandante do exército cartaginês, que durante dezasete anos teve em cheque os romanos, levando-lhes a guerra ao próprio território.

É do estudo dessa batalha que os alemães deduzem os princípios a observar na manobra do duplo envolvimento, que os seus mais habéis generais executaram com pleno exito em Tannenberg; batalha ganha por Hindemburgo sôbre os russos e nas operações contra a Romenia dirigidas por Mackensen e Falkenhein em 1916.

O duplo movimento envolvente ameaçava no Marne as massas invasoras, mercê do dispositivo estrategico dos franceses, cujos exércitos desenvolvendo-se desde o Mosa até Paris escolheram posições convenientes a coberto dos rios Ornain, Marne, Petit Morin, Grand Morin e Therouanne.

Alem dessa vantagem, o generalissimo francês tinha a facilidade de fazer transportar pelas linhas ferreas tropas dos 1.º e 2.º exércitos, pouco empenhados na luta, para qualquer ponto da frente da batalha.

Mas, para tirar todo o partido do dispositivo envolvente



a realizar na *batalha de destruição*, é mister que o centro da linha seja fortemente constituído e com extensão não inferior à frente do atacante, a fim de poder resistir à impetuosa investida do adversário que, necessariamente, empregará os maiores esforços para conseguir a ruptura da linha.

Neste dispositivo, as tropas que constituem o centro devem ter, não só a capacidade de resistencia ao violento embate do inimigo, mas ainda a de passarem a uma vigorosa ofensiva no momento oportuno.

É também condição imprescindível no tipo clássico da *batalha de destruição*, que, na execução do duplo movimento envolvente, a acção das alas só se exerça quando a maioria das forças adversas esteja sériamente empenhada no combate.

Esta condição não se realizou, como adiante veremos, na batalha do Marne, por isso que o 6.º exercito francês antecipou o seu movimento envolvente, realizando-o antes do I exercito alemão estar vivamente empenhado no ataque, tanto mais que êste exército voltando sobre os seus passos colocou em situação grave o 6.º exército francês, que conseguiu envolver.

Na marcha ofensiva dos alemães em direcção para o S. assinalaram-se as seguintes linhas de penetração :

- I exército (Von Kluck) — Saint Quentin — La Fère — Creil — Lizy — Crecy — Coulommiers — Cerneux;
- II exército (Von Bulow) — Guise — Laon — Epernay;
- III exército (Von Hausen) — Rocroi — Rethel — Chalons-sur-Marne;
- IV exercito (Duque de Wurtemberg) — Grandpré — O. da floresta de Argonne, — Bussy-le-Repos, devendo apoiar o 5.º exercito;
- V exercito (Kromprinz) — Consevoy — Montfaucon — Triaucourt — Passavant en Argonne.

Todos êstes cinco exercitos avançando para a concavidade do dispositivo em meia lua do exercito francês ficavam desde logo envolvidos por êste; daí a superioridade estrate-



gica de momento, que o generalissimo Joffre se apressou a aproveitar.

Na Lorena encontravam-se ainda :

O 6.º exercito alemão (príncipe da Baviera), em frente de Nancy;

O 7.º exercito alemão (Heeringer), em frente de Gerbeviller.

Na noite de 5 para 6 de setembro a situação das tropas anglo-francesas era a seguinte:

Os 1.º e 2.º exercitos guarnecendo o fronteira leste entre Nancy e Belfôrt ocupavam solidas posições defensivas, com facilidade de passar à ofensiva;

O 3.º exercito desenvolvido obliquamente, frente a N. O., com o rio Mosa de espalda; o seu flanco direito estabelecia o contacto com Verdun por meio da 72.ª divisão, destacada desta praça para ameaçar as comunicações do exercito do Kromprinz; o flanco esquerdo ficava apoiado ao canal do Rheno ao Marne;

O 4.º exercito apoiava a direita em Sermaise e o seu flanco esquerdo estendia-se um pouco para O. de Humbauville;

O 9.º exercito (Foch) defrontando-se com os II e III exercitos alemães adoptara a disposição dum duplo colchete defensivo, com os flancos bastante recuados; o direito apoiava-se em Sommesous e o esquerdo, passando por Charleville, infligia na direcção de Sezane;

O 5.º exercito desenvolvido entre Sesane e Rouilly, tendo o flanco esquerdo bastante recuado.

O grande intervalo que o separava do exercito inglês estava guarnecido por um forte corpo de cavalaria.

O exercito inglês desenvolvido obliquamente, frente a N. E., atrás do bosque ds Crecy, apoiava o flanco direito em Mormant e o esquerdo em Tournan.

O 6.º exercito francês (Maunoury) desenvolvido também obliquamente frente a N. E., apoiava o flanco direito em Gregy, proximo de Meaux, e o esquerdo em Nauteuil-le-Haudouin.

Este exercito era constituido pelo 7.º corpo e uma divisão do activo, duas divisões de infantaria de reserva e três divisões de cavalaria, no efectivo aproximado de 100:000 homens.

(Continúa).

ADRIANO BEÇA  
General



## Na Grande Guerra — A derrota do exército alemão

(Continuado de pag. 673)

Esta situação reflecte-se nos documentos do *Livro Branco*.

O governo de Berlim procura entender-se directamente com a América a fim de retomar as negociações para a paz. É sem duvida obrigado a fazê-lo não só pelas circunstâncias ocorrentes na frente ocidental, como pelo aniquilamento da Bulgária, ao qual se tornou impossivel obstar.

Aquela situação reflecte-se também nos discursos dos seus homens de Estado, principalmente no que o chanceler de Hertling pronuncia perante o Reichstag em 24 de Setembro. Berlim junta argumentos sobre argumentos para se justificar.

A Alemanha renuncia a toda e qualquer pretensão do lado da fronteira ocidental; a própria Alsácia-Lorena poderia não constituir já um obstáculo absoluto para um entendimento com os aliados.

Sómente os tratados de paz firmados no Oriente (com a Rússia e a Ruménia) deveriam ser respeitados, pois não realizam de resto nenhuma conquista territorial e, sobre esta questão do abandono geral de qualquer intenção de conquista, o governo afirma que elle e o alto comando estão de perfeito acôrdo.

Contudo as propostas de paz não são ainda expressamente formuladas; o G. Q. G. não perdeu de todo a esperança de ver melhorar parcialmente a situação na frente ocidental, o que forneceria uma ocasião mais favoravel para discutir com os governos beligerantes.

Pelo contrário, do lado dos aliados o comando em chefe tem a noção clara de haver soado a hora em que uma offensiva geral produzirá a derrota suprema dos exércitos alemães, desorganizados e extenuados.

Para este efeito, concebe três grandes operações conver-



gentes, as quais serão iniciadas simultaneamente ou se deverão suceder com poucos dias de intervalo.

A batalha da Champagne e do Mosa começa em 26 de Setembro. No fim de oito dias de luta, os alemães são obrigados a recuar sobre o Aisne e sobre o Aire.

A batalha de Cambrésis é iniciada em 27; os 1.º e 3.º exércitos britânicos atacam na região de Cambrai. Em 30 a luta estende-se até o Oise, pela entrada em linha do 4.º exército inglês e do 1.º francês.

A batalha das Flandres é travada em 28 de Setembro: dá aos aliados a posse das cristas a E. de Ypres e permite-lhes atingir em dois dias a estrada Roulers-Menin.

Desta vez os chefes alemães sentem que a boa sorte os desamparou.

A 29 de Setembro o Secretário de Estado Hintze chegou ao G. Q. G. A discussão é grave; o seu resultado foi registado num telegrama enviado para Berlim às 9 horas e 40 minutos da noite: «Por ordem de Sua Majestade e de acordo com o chanceler do Império, peço-lhe que faça saber confidencialmente «a Viena e a Constantinopla que nos propomos oferecer a paz «ao Presidente Wilson sobre a base dos seus catorze pontos «e solicitar a convocação de uma conferência de paz em Washington».

Ao mesmo tempo o Imperador decide uma mudança na chancelaria: o príncipe Max de Baden substituirá o Conde de Hertling.

Quanto ao processo das negociações, a Alemanha convidará provavelmente os seus aliados a concluírem imediatamente um armistício; assim o fará de resto a Bulgária desde 2 de Outubro.

Se os aliados da Alemanha anuírem, o novo gabinete imperial em formação comunicará a proposta ao Presidente Wilson por uma via adequada, visto que o oferecimento da paz deve partir de Berlim.

Na mesma noite ainda, os telegramas foram expedidos para Viena e Constantinopla; um entendimento foi estabelecido com estas capitais.

As medidas de ordem técnica para a mediação serão discutidas com Berne.

O alto comando alemão, porém, não está tranquilo; tem



pressa de ver apresentar o oferecimento da paz. Receia que a menor demora dê tempo a que a derrocada se produza.

No dia 1 de Outubro, o G. Q. G. envia para Berlim uma série de telegramas, reforçados de numerosas comunicações telefónicas, cujo conteúdo é sempre idêntico :

«Hoje as tropas ainda se mantêm, mas é impossível dizer «o que sucederá amanhã». «É necessário fazer imediatamente «o oferecimento da paz e não aguardar para tal fim a formação de um novo govêrno». «Hoje as nossas tropas ainda se «aguentaram, mas estamos numa situação terrível; a cada instante se pôde produzir a rutura da *frente* e então o nosso oferecimento da paz surgirá no momento mais desfavoravel».

Na noute desse mesmo dia 1 de Outubro, o general Ludendorff declara que o oferecimento da paz «deve partir imediatamente de Berne com destino a Washington. O exército «não pôde já esperar 48 horas». E insiste que julga essencial que a proposta seja entregue à *Entente* o mais tardar na noute de 2 para 3.

Por seu lado Hindemburgo comunica ao vice-chanceler von Payer, na tarde do dia 2: «Se até às sete ou oito horas da «noute de hoje ha a certeza de que o príncipe Max consegue «formar govêrno, posso esperar até amanhã de manhã; mas «se, pelo contrário, a constituição do gabinete continúa duvidosa, creio que será necessário apresentar a proposta desde «hoje».

Neste mesmo dia, Ludendorff reclama comunicação do projecto do pedido de armistício, e á tarde êle próprio envia telegráficamente o respectivo texto, o qual nos pontos essenciais pouco difere do que depois foi definitivamente adoptado.

O príncipe de Max tem porêm menos pressa; receia um oferecimento de paz mal apresentado e que pareça imposto pela desfavoravel situação dos exércitos alemães. Em 3 de Outubro expõe contudo uma série de quesitos; pergunta especialmente se o altô comando está compenetrado de que a abertura de negociações de paz sob a pressão das necessidades militares pôde conduzir á perda das colónias alemãs e de territórios do Império, em particular da Alsácia e Lorena e das regiões exclusivamente polácas das províncias orientais.

Hindemburgo que se encontra então em Berlim mantem integralmente a sua insistência; envia mais uma vez ao chan-



celer uma declaração por escrito: «O alto comando persiste em reclamar a imediata apresentação de propostas de paz». A nota oficial é com efeito expedida na noite de 3 para 4 de Outubro.

O generalissimo e o seu chefe de estado maior sabem com efeito que a linha Hindemburgo deve ser considerada como perdida; conservá-la era tóda a esperança durante a retirada, mas esta esperança desvaneceu-se.

Em 5 de Outubro os II e XVII exércitos alemães abandonam as últimas trincheiras em tóda a frente compreendida entre Douai e Saint-Quentin. Vão estabelecer-se atrás do curso do Selle e sôbre a linha Bohain-Bernot e, em seguida, depois de um momento de paragem, atacados de novo, transpõem o Oise e o canal do Sambre.

Entretanto e mais a S., o VII exército alemão evacuou o massiço de Saint-Gobain—Laon, o qual em resultado do avanço dos aliados na Champagne e no Cambrésis formava um vasto saliente. Esse exército dirige-se sôbre o Serre e para além dos pantanos de Sissonne para a posição Hunding.

Emfim os exércitos do Norte são forçados a abandonar as regiões de Lens e de Lille e tóda a costa belga, para se concentrarem detrás do Canal do Norte, do Escalda e do canal de Terneuzen.

Em resumo, entre 10 e 20 de Outubro, a retirada dos alemães tornou-se geral em tóda a frente, do Mosa ao mar, e a maior parte das suas reservas teve de ser empenhada.

O serviço de informações dos aliados verifica, com efeito, que de 26 de Setembro a 20 de Outubro, de 191 divisões alemãs 139 tomaram parte activa nas acções.

Já em 11 de Outubro o *registo de gastamento* da 2.<sup>a</sup> repartição do Q. G. francês mencionava que 44 das divisões inimigas em linha estavam incapazes de sustentar uma luta séria e que para as substituir o generalissimo alemão não dispunha senão de 7 divisões frescas e de umas quinze que poderiam ser retiradas dos sectores mais tranquilos.

Em 24 de Outubro são já 84 as divisões que, tendo sido empenhadas em luta durante mais de duas semanas, se tornaram inaptas para uma sólida resistência; apenas resta uma divisão fresca e umas dez a retirar dos sectores tranquilos da Lorena e da Alsácia, divisões porém que até então não ha-



viam sido chamadas a combater por serem de muito mediocre valôr.

Isto é, as reservas alemãs estavam de todo esgotadas.

Do lado dos aliados, pelo contrário, numerosas tropas frescas ou suficientemente repousadas podem entrar em linha.

Em 19 de Outubro o Marechal Foch expede ordens de movimento.

Neste momento, o 2.º exército americano tinha começado a dominar a resistência dos alemães no Mosa e em 10 de Novembro terá atingido a frente Remoiville-Bezonnaux e estará pronto, marchando na direcção de Arlon, a efectuar a sua junção com o novo exército franco-americano que vai penetrar na Lorena.

Êste último tem por missão apoderar-se de tôda a zona fortificada, organizada pelos alemães havia quatro anos, entre o Mosela e os Vosges, aproveitar depois tanto quanto possível os resultados obtidos na direcção do Sarre e finalmente dar um golpe grave no moral do inimigo penetrando no território alemão e ameaçando directamente as linhas de retirada do grosso das suas forças. Os outros exércitos continuarão entretanto as operações já começadas.

Em 5 de Outubro, o Presidente Wilson responde à mensagem dos Impérios Centrais.

Declara reconhecer não possuir o direito de propôr aos govêrnos aliados que suspendam as operações militares, enquanto as tropas das potências centrais se encontrarem em territórios desses govêrnos.

O gabinete de Berlim volta à carga no dia 12, ao que o Presidente Wilson responde mais uma vez, em 15, em termos bastante duros, que não se poderá tratar de negociações de paz enquanto a Alemanha não tiver modificado os seus processos de fazer a guerra e não houver destruído o poder arbitrário do respectivo govêrno.

Que fazer? Os oficiais do G. Q. G. alemão são de novo interrogados. A 9 de Outubro, depois da primeira resposta de Wilson, haviam certificado que seria perigoso para o alto-comando retardar a conclusão da paz.

É ainda essa a sua opinião?

No dia 17 de Outubro realizam-se três sessões no G. Q. G.



e nelas Ludendorff expõe pormenorizadamente a situação e exprime a esperança de que será possível resistir durante as semanas próximas, mas as suas declarações são imprecisas e hesitantes.

Do exposto deduz-se, concluiu o chanceler, que, mesmo levando em conta tôdas as esperanças enunciadas, a resistência já não pode ser mantida senão durante pouco tempo. Ha também que contar com a queda dos dois aliados que restam à Alemanha. A questão final é esta; «Depois dessa resistência, a nossa situação será melhor ou bastante pior?»

Ludendorff emite a opinião de que não poderá ser pior.

Interrogam-se então outros generais. Manifestam-se divergências de pareceres, sobretudo a respeito da guerra submarina, mas o tom geral é péssimista e a conclusão é que se deve solicitar o armistício.

A 27 de Outubro a questão fica definitivamente resolvida; a Alemanha submete-se e pergunta sob que condições o armistício lhe será concedido.

O marechal Foch estipula essas condições e o generalissimo alemão envia parlamentários a recebê-las.

O govêrno de Berlim declara que elas são severas; solicita que sejam suavizadas mas, acrescenta o telegrama dirigido aos seus delegados: «se as modificações reclamadas não puderem ser obtidas, é preciso aceitar de tôda a forma o armistício».

*Aceitar de tôda a forma o armistício.* Qual era pois o estado do exército alemão? Ei-lo:

A 10 de Novembro, em resultado do gastamento, o número de divisões descera de 207 a 187. Destas 187 divisões, 17 encontravam-se em reserva e delas 2 eram formadas por tropas frescas, 5 reconstituídas e 10 fatigadas.

Por ocasião da ofensiva de 21 de Março de 1918, o efectivo médio de combatentes de uma companhia de infantaria era de cerca de 120 homens; em 15 de Julho já não excedia 70 a 90 homens; no princípio de Novembro, e apesar da redução do número de divisões, era apenas de 50 homens. Pode pois calcular-se que o número de infantes que combatiam na frente ocidental era metade do que fôra em Julho.

Quanto ao estado de conservação das unidades, pode-se deduzi-lo do facto que das 207 divisões primitivas, 196 ha-



viam sido empenhadas nas acções e as 11 restantes não puderam ser empregadas por serem de muito mediocre valor.

Entretanto 18 divisões que não tinham sido utilizadas antes de 15 de Julho por serem julgadas pouco sólidas, foram contudo lançadas em combate depois dessa data.

De 15 de Julho a 10 de Novembro muitas divisões foram empenhadas três e mesmo quatro vezes.

Os períodos de repouso eram cada vez mais curtos; durante os meses de Setembro e Outubro, 60 % das divisões tinham permanecido em linha sem interrupção; as outras haviam combatido durante vinte e trinta dias consecutivos.

Em 10 de Novembro tôdas as divisões capazes de combater ou estavam empenhadas em acção ou acabavam de deixar esta, e tôdas tinham sido empregadas várias vezes. Não restava em suma nenhuma reserva fresca.

Assim como os homens, o material estava em baixa consideravel.

O estado da artilharia era o seguinte:

Em 15 de Julho, 3.100 baterias de campanha, isto é 12.500 peças; 2.150 baterias pesadas de todos os calibres, ou sejam 7.860 canhões. No total—20.360 bocas de fogo

No princípio de Novembro restavam 2.600 baterias de campanha e 1.605 baterias pesadas.

Desde 15 de Setembro que o comando alemão tivera de dissolver 500 baterias de campanha e 545 baterias pesadas. Estas ultimas tinham sido reduzidas de 4 a 3 peças e os regimentos de campanha de 9 a 8 baterias. Restavam cerca de 9.000 peças de campanha e 4.500 canhões pesados, isto é 13.500 bocas de fogo em vez das 20.000 primitivas.

No que respeita a munições a mesma redução progressiva.

Desde fins de Agosto que haviam sido ordenadas restrições severas ao consumo, em consequência da perda dos aprovisionamentos acumulados na curva entre o Aisne e o Marne, para a ofensiva de 15 de Julho e marcha para o Sul.

A partir de Outubro a crise torna-se aguda; a artilharia consome poucos projecteis, o tiro de barragem é suprimido por muito dispendioso, a produção sofre quebra por ser retirado pessoal das fábricas em proveito do *front*, emfim a mais rigorosa economia é recomendada, sobretudo no consumo das granadas explosivas.



Um exame atento dos outros recursos em material, metralhadoras, aviação, camions-automoveis, em forragens, etc., daria a mesma impressão de consideravel enfraquecimento.

O exercito alemão estava pois quasi exaustivo no momento em que devia empreender uma nova retirada no estreito espaço que separava o 2.º exercito americano da fronteira holandesa e que cada dia de combate mais estreitava.

Tais foram as condições que determinaram a completa submissão ao armistício. Os alemães não tiveram remedio senão subscrever a este, para não parecer que capitulavam.

Nenhum militar recusará a homenagem da sua admiração à resistência do exercito alemão, mas nenhum também poderá sustentar que elle se não encontrava então fóra de estado de combater.

Trad. de

P. S.



## A organização e os dispositivos de combate de infantaria

NA

### Grande guerra

#### I — As características do combate de trincheira para trincheira

Das fases do combate da infantaria, mais ou menos detalhadamente previstas em todos os Regulamentos anteriores à guerra, só uma subsistiu no combate de trincheira para trincheira, com toda a sua importância: o *assalto*.

A distância extraordinariamente curta a que os dois adversários conseguiram imobilizar-se; uma preparação da artilharia, para o combate, levada ao extremo de medearem apenas alguns minutos entre a ordem de fogo a uma bateria e a sua abertura sobre o objectivo requerido; a existência de uma triplice rede de arame farpado, à frente da linha de trincheiras mais avançadas, obstáculo que devia demorar o assaltante sob os fogos da defesa o tempo necessário para esta ocupar devidamente os seus postos de combate, tornavam muito difícil a execução do ataque e muito problemático o seu exito, sem se recorrer a processos relativamente novos.

Salvo casos excepcionais de surpresas em pequenas operações locais, e de frente muito restrita, o ataque só tinha probabilidades de ser bem sucedido e só podia progredir, quando a infantaria avançava em íntima ligação com uma barragem densa de artilharia e a muito curta distância dela.

Para obrigar o defensor a se abrigar e diminuir-lhe a capacidade de resistência ulterior, o ataque tinha que ser precedido, como preparação, de um intenso bombardeamento, de duração variavel, e sobre uma extensão de frente superior à que realmente ia ser assaltada pela infantaria. Enquanto à pro-



fundidade da zona batida, ia desde 500<sup>m</sup> na preparação de um simples *raid*, a 8 e 10 quilómetros na barragem principal de uma grande ofensiva, se não entrarmos em linha de conta com o bombardeamento de cidades, depósitos e Quartéis Gerais, pois neste caso ia até para além de 40 quilómetros. Como, porém, nem todos os bombardeamentos eram seguidos de ataque de infantaria, ou eram-no apenas por pequenas patrulhas que só procuravam inquietar o adversário fazendo prisioneiros, patrulhas que eram facilmente repelidas, por ser possível lançar rápidamente contra elas forças muito superiores, a regra para as guarnições de 1.<sup>a</sup> linha era abrigarem-se, evitando o mais possível as conseqüências do tiro inimigo, podendo para esse fim ocupar nos flancos ou à retaguarda da zona bombardeada posições escolhidas de antemão. Mas, quando o bombardeamento fosse sobre toda ou quase toda a frente da Divisão ou do Corpo de Exército, fazendo prevêr, pelas suas características (hora, violência, profundidade) que se tratava de uma tentativa alemã para forçar o nosso sistema defensivo, a linha avançada não devia ser evacuada, procurando as suas guarnições, ainda que à custa de numerosas baixas, estarem prontas a travar o combate com a infantaria inimiga, que avançasse em íntima ligação com a barragem da sua artilharia. Os planos defensivos das diferentes unidades empenhadas, prevendo esta hipótese, continham disposições, cujo objectivo principal era obter que a infantaria atacante encontrasse as 1.<sup>as</sup> linhas de trincheiras ocupadas por tropas em número suficiente para lhe quebrarem o ímpeto, embaraçando e desorganizando-lhe as vagas de assalto, e permitindo às reservas a execução, a tempo, do contra-ataque.

O *contra-ataque* era a regra geral da defesa. Deviam lançá-lo em primeiro lugar as tropas que momentâneamente tivessem evacuado a 1.<sup>a</sup> linha, imediatamente ao aparecimento do inimigo no parapeito, embora se tratasse de um simples *raid*; as diversas unidades (batalhões, brigadas, divisões), tinham companhias e batalhões de reserva<sup>1</sup> especialmente destinados ao

<sup>1</sup> A necessidade de ter de antemão fixada a missão das tropas não imediatamente empenhadas, a fim de que a sua acção se fizesse sentir rápidamente, em caso de ataque, levou a estabelecer uma distinção perfeita entre as unidades de *apoio* e as unidades de *reserva*. O *apoio* destinava-se a reforçar



contra-ataque, na hipótese do inimigo ter conseguido instalar-se em qualquer porção das nossas trincheiras. Enquanto se realizavam os contra-ataques destas tropas avançadas, não era possível à artilharia cooperar eficazmente com êles por ser a distância entre os dois contendores muito curta, para que, apesar da precisão matemática do seu tiro, não houvesse justos receios de ferir as nossas próprias tropas. A intervenção dos morteiros de trincheira e das metralhadoras pesadas também dificilmente se fazia a tempo, por ser fugitivo o momento azado para se dar; ficava assim a infantaria entregue a si mesma, aos seus próprios meios de acção, porque a barragem de S.O.S., que não deixava, em todo o caso, de ser pedida à *artilharia*, ia incidir sobre a 1.<sup>a</sup> linha inimiga e *terra de ninguém* para além do nosso arame, procurando apenas dificultar a marcha das reservas inimigas.

Sómente o contra-ataque das reservas de Brigada e algumas vezes, quando havia tempo e as linhas telefónicas não haviam sido cortadas pelo bombardeamento, o contra-ataque das companhias de reserva dos batalhões empenhados era precedido de bombardeamento sobre a nossa 1.<sup>a</sup> linha, se estivesse ocupada pelo inimigo, a fim de se obstar a que procedesse à sua consolidação.

Quando se tratava de um *raid*, este combate durava apenas algumas horas e a luta entre as infantarias adversas não tinha grande importância para a defesa, que fazia entrar em acção forças muito mais numerosas do que as do atacante — dois ou três batalhões contra *patrulhas* inimigas reforçadas, cujo efectivo raras vezes atingia o de uma companhia —. O combate terminava então pela reocupação das nossas trincheiras.

Mas, quando se tratava de mais do que um simples *raid* local, quando o ataque fazia entrar em acção forças triplas das guarnições normais das trincheiras, esta luta da infantaria contra infantaria assumia uma importância capital, decisiva, no desenrolar ulterior do combate, porque dela dependia a posse

---

as unidades empenhadas, cooperando intimamente com elas na defesa. A *reserva*, destinava-se a actuar pelo contra-ataque. Logo que a violência do bombardeamento fizesse prevêr um ataque de infantaria, o comandante do apoio devia estabelecer a ligação com as companhias ou batalhões avançados, que apoiava; o comandante da reserva com o comandante de quem dependia.



futura do sistema defensivo. Foi assim que se procurou organizar a infantaria para se bastar a si mesma, para conseguir, usando apenas dos seus próprios meios, realizar, em ponto pequeno, tôdas as fases do combate: *preparação, execução e assalto*; e poder, portanto, travar essa luta nas melhores condições possíveis.

Para este fim, além dos morteiros de trincheira e das metralhadoras pesadas, que, embora constituam especialidades muito uteis e sejam servidas por tropas de infantaria, não cooperam nesta fase da luta, porque não entram na composição orgânica dos batalhões. Êstes foram dotados com as *quatro armas*, que na guerra moderna se reconheceram necessarias à infantaria:

— A *granada de mão*, que desaloja um inimigo abrigado, a pequena distância;

— A *granada de espingarda*, (o *obus* da infantaria) que facilita a obtenção da superioridade do fogo, sendo atirada por cima das tropas empenhadas, e obriga o inimigo a abrigar-se atrás dos parapeitos;

— A *metralhadora ligeira*, que dá um aumento excepcional à potência do fogo e uma grande influência sobre o moral do adversário;

— A *espingarda com baioneta*, que é ainda uma bela arma ofensiva, muito eficaz, quer para o assalto, quer para repelir um ataque.

Nos batalhões todos os sargentos, cabos e soldados, qualquer que seja a sua especialidade, devem ser armados de espingarda com baioneta; convém mesmo que em tôdas as outras armas e especialidades (condutores de artilharia<sup>1</sup> e infantaria, sapadores, pioneiros, morteiros, etc.), todos os homens tenham por armamento individual a espingarda com baioneta e recebam cuidada e constante instrução do seu emprego, porque a prática deste princípio aumenta o número de combatentes em mais de 200%, visto que na ocasião da grande crise, quando a artilharia inimiga alonga a barragem, e a sua infantaria avança ao assalto, esta tem de bater-se com a totalidade dos homens das forças da defesa e não apenas com

<sup>1</sup> Os serventes de artilharia no C. E. P. eram armados de espingarda com baioneta, para o que estava um certo número delas distribuido às batarias.



uma *minoría* desmoralizada pela retirada inevitável de todos aqueles que, tendo por armamento individual a pistola, fogem ao combate corpo a corpo, por falta de elementos e de instrução para o travarem.

## II — O pelotão e a companhia

No batalhão, a mais pequena unidade em que se acham representados as quatro armas da infantaria é o pelotão, que se tornou assim a *unidade de combate*. As quatro armas agrupam-se em quatro secções cada uma de armamento homogéneo, cujo efectivo se reconheceu dever oscilar entre um mínimo de 7 homens e um máximo de 11<sup>1</sup>. A secção deve ser considerada como indivizível e destina-se a combater sob as ordens e acção imediata do seu chefe. Apesar da existência das quatro secções especializadas, todos os homens do pelotão devem ser armados de espingarda e granada de mão; todos devem armar baioneta para o assalto, com excepção apenas dos n.ºs 1 e 2 da secção de metralhadoras ligeiras; todos devem comparecer à instrução diária de combate à baioneta e lançamento de granada de mão. Os homens da secção de atiradores (baioneta) devem ser divididos pelas secções de metralhadoras e de granadeiros de espingarda, para receberem também a instrução especial destas secções. O pelotão resulta assim facilmente manejável, visto que se não destina a combater em bloco, mas a fracionar-se nas suas quatro secções especializadas, tendo cada uma a missão que corresponde ao seu armamento principal; e é facilmente reorganizável, quando as baixas lhe tornem desiguais os efectivos das secções, pela maneira como é dada a instrução.

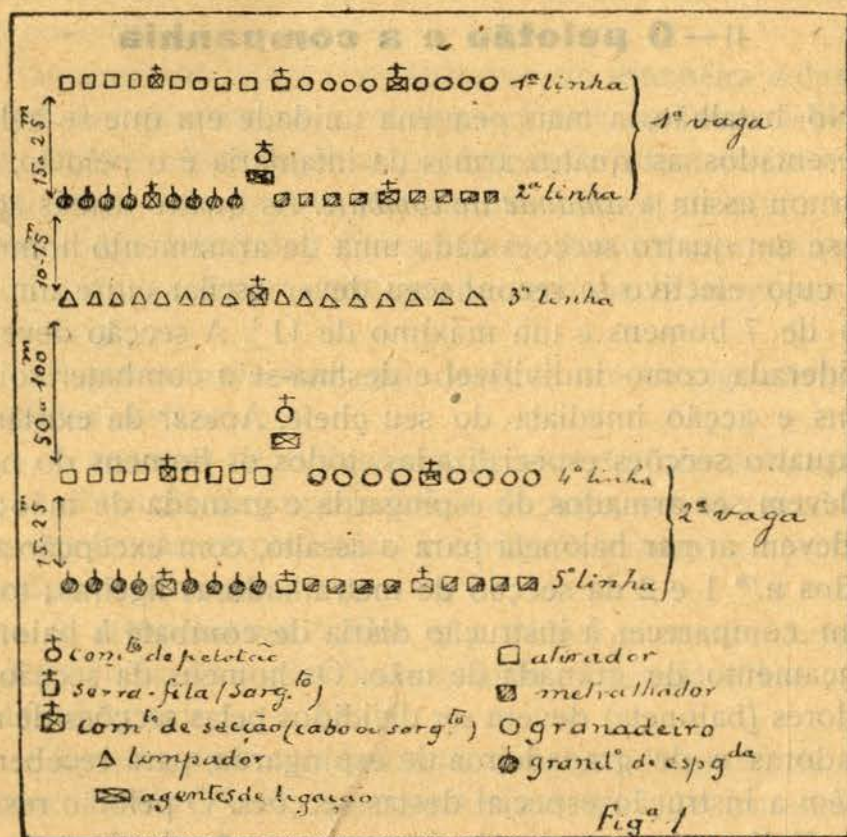
A formação de marcha para o assalto é a que consta da fig. 1. Os franceses preferem colocar em 1.ª linha as secções de metralhadoras e granadeiros e em 2.ª linha as de atiradores e granadeiros de espingarda. Os franceses chamam aos atiradores *voltigeurs*, por analogia com a antiga companhia de elite que formava à esquerda dos seus batalhões nos meados do século passado. Porque não chamaremos nós *caçado-*

<sup>1</sup> Este máximo resulta do grau geral de instrução e da competência do respectivo comandante; é pois *susceptível* de aumento.



res a esta secção, por analogia com a tradução que nessa mesma época se dava a *voltigeurs*?

O pelotão pode fazer parte da 1.<sup>a</sup> vaga (linha de fogo no combate em campo aberto) ou da 2.<sup>a</sup> vaga (apoio no combate



em campo aberto); a formação é a mesma, diferindo apenas na colocação do seu comandante (fig. 1). As secções de granadeiros de mão e de metralhadoras ligeiras devem formar no flanco exterior.

Na guerra de trincheira para trincheira os pelotões de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> vaga recebem objectivos diferentes, embora a curta distância um do outro. Em geral, serão um a linha de trincheiras realmente ocupadas pelas tropas adversas, outro (o mais afastado), a linha de apoio a essas trincheiras, ou o local onde ela existiria; o mais distante é atribuído à 1.<sup>a</sup> vaga, o mais próximo, à 2.<sup>a</sup> vaga. O pelotão de 1.<sup>a</sup> vaga deverá, pois, ultrapassar o objectivo mais próximo, sem se deter, ou se preocupar com os seus defensores, a não ser que encontre uma grande resistência; os limpadores que o seguem a curta distância é que se destinam ao combate com esses defensores, competin-



do-lhes *limpar* esse objectivo, que é atribuído à 2.<sup>a</sup> vaga e devem, quanto possível, ser formados por praças do pelotão que constitue essa vaga. Trabalham por grupos de dois, devendo vigiar as entradas de abrigos e trincheiras secundárias, de maneira a permitirem um franco avanço da 2.<sup>a</sup> vaga até ao objectivo. Além do seu municiamento normal, devem ser portadores, cada um, de duas *granadas incendiárias*. O pelotão de 2.<sup>a</sup> vaga, quando o da 1.<sup>a</sup> encontra resistência, ou no combate em campo aberto, funciona como um *apoio*.

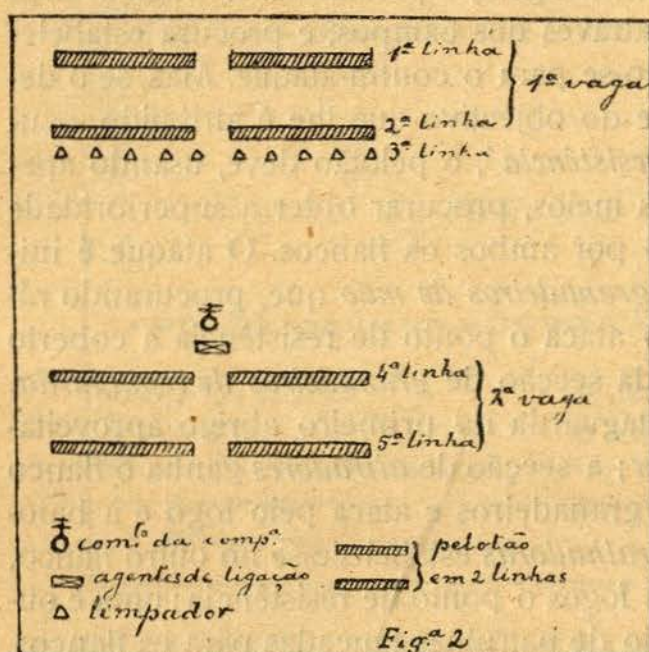
À hora precisa, a que à artilharia se determinou previamente que alongasse a barragem, o pelotão da 1.<sup>a</sup> vaga avança para o seu objectivo, através dos campos, e procura estabelecer-se nêle, preparando-se para o contra-ataque. Mas, se o defensor disputar a posse do objectivo que lhe é atribuído, ocupando um *ponto de resistência*<sup>1</sup>, o pelotão deve, usando apenas dos seus próprios meios, procurar obter a superioridade do fogo e envolvê-lo por ambos os flancos. O ataque é iniciado pela secção de *granadeiros de mão* que, procurando rapidamente um flanco ataca o ponto de resistência a coberto do bombardeamento da secção de *granadeiros de espingarda*, estabelecida mais à retaguarda no primeiro abrigo aproveitável que se lhe oferecer; a secção de *atiradores* ganha o flanco exterior da secção de granadeiros e ataca pelo fogo e à baioneta; a secção de *metralhadoras* estabelece-se no outro flanco, varrendo com os seus fogos o ponto de resistência; uma e outra procuram, por meio de patrulhas lançadas para os flancos, estabelecer a ligação com os pelotões contíguos; a secção de atiradores lança ainda observadores para a frente a fim de estabelecer o necessário serviço de protecção. O pelotão de 2.<sup>a</sup> vaga que avançar em apoio e para reforçar um pelotão de 1.<sup>a</sup> vaga, que não pode vencer a resistência encontrada, emprega da mesma forma as suas secções, mas deve ser precedido pelo respectivo comandante, com os seus agentes de ligação, porque o seu reconhecimento pessoal já nêste caso é indispensável, visto que o emprego das secções no combate

<sup>1</sup> Na formação para o assalto (fig. 1) o intervalo de homem a homem varia de 4 a 6 passos; a frente de ataque do pelotão resulta ser de 60 a 80 metros. O inimigo não poderá ocupar mais de um *ponto de resistência* em tão pequena frente.



depende da forma como se empenharam as secções da 1.<sup>a</sup> vaga. Como regra, as secções de atiradores e granadeiros de espingarda reforçam e cooperam com as suas congêneres do outro pelotão; as secções de metralhadoras e granadeiros de mão procuram os flancos contrários aos ocupados pelas secções análogas do pelotão avançado, de forma que em cada flanco venham a ficar uma secção de metralhadoras e uma de granadeiros.

Na companhia de 4 pelotões, o combate desenrola-se pela forma esquemática que acabamos de descrever, colocando



dois pelotões em 1.<sup>a</sup> vaga e os outros dois em 2.<sup>a</sup> vaga (fig. 2). Esta regra fica geral, como veremos, qualquer que seja o dispositivo que o batalhão adopte na marcha para o assalto.

No C. E. P. a organização do pelotão não era tão simples, nem tão esquemática, porque se quiz conservar a companhia

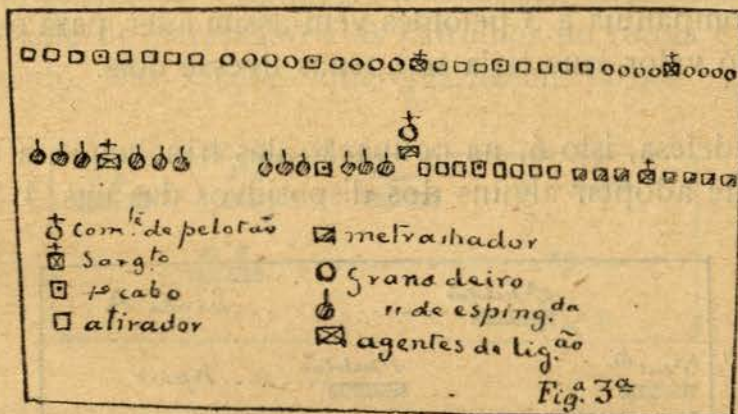
a 3 pelotões e o efectivo de 240 homens; a unidade indivizível deixou de ser a secção para ser o *grupo* de 7 a 9 homens, sendo as secções formadas por um número diferente de grupos: três, a de atiradores; dois, as de granadeiros de mão e de espingarda; e de um grupo apenas a secção de metralhadoras. Havia ao todo no pelotão 8 grupos, que no emprego em combate deveriam funcionar como as secções que descrevemos na companhia quaternaria, resultando assim que o comandante do pelotão tinha a dirigir 8 agrupamentos em vez de quatro.

A formação normal do pelotão era a que consta da fig. 3.

A diferença mais importante entre este dispositivo de combate e o da fig. 1 é que os atiradores e granadeiros da 1.<sup>a</sup> li-



nha se acham misturados e que a secção de metralhadoras ligeiras está como que reforçada com mais sete homens armados de espingarda, porque, na verdade, para o manejo da metralhadora ligeira bastam 2 homens; os outros da secção são municidores e destinam-se à defesa da metralhadora, já pelo emprego da baioneta, já pelo emprego da granada de mão.



Na divisão do pelotão em 4 secções de armamento homogéneo tem-se em vista permitir ao comandante um emprego separado das suas secções, em harmonia com o seu armamento. O exame da fig. 3 mostra a existência de 6 agrupamentos: *dois* de atiradores; *dois* de granadeiros de mão; *um* de granadeiros de espingarda; e *um* de metralhadoras ligeiras. No quadro orgânico do C. E. P. só é atribuído comandante especial, além dos chefes de grupo, à secção de atiradores, parecendo haver assim a ideia de que a 1.ª linha combata indistintamente à granada e à baioneta sob o comando do sargento de atiradores, que forma no seu centro; mas deve atender-se a que a frente de combate de uma tal linha ascende a cerca de 120<sup>m</sup>, o que é exagerado para um único comandante.

Poder-se-ha também comparar a formação do pelotão da fig. 3 com o da 1.ª vaga da fig. 2 e esta comparação é tanto mais admissível, quanto é certo que para a companhia ternária se estabeleceu o uso de *três* vagas, correspondentes aos seus três pelotões escalonados em profundidade. A 3.ª vaga devia funcionar apenas como um apoio, porque á companhia deveriam ser atribuídos, como na quaternária, apenas dois objectivos. Êste apoio é porem inutil na maior parte dos ca-

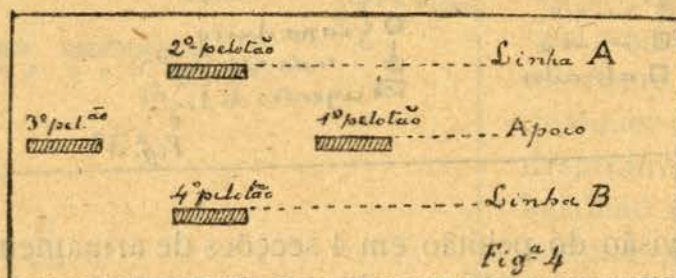


sos, porque o objectivo mais próximo é sempre a linha mais avançada ocupada pelo inimigo, que a 1.<sup>a</sup> vaga deve transpôr ou atacar apoiada pela 2.<sup>a</sup> vaga, como já vimos.

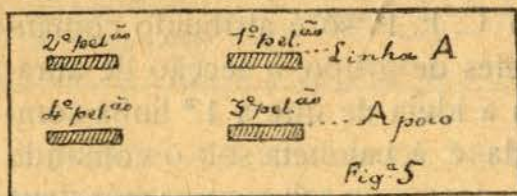
Se a companhia ternaria atacar com a mesma frente que a quaternária obter-se-ha uma menor densidade do ataque e sobretudo uma percentagem de metralhadoras ligeiras muito pequena.

A companhia a 3 pelotões vem assim a ter, para o ataque, o mesmo valor, que teria se apenas tivesse dois.

Na defesa, isto é, na ocupação das trincheiras, a companhia pode adoptar alguns dos dispositivos das figs. 4, 5, 6 ou



7, podendo assim colocar um, dois, três ou mesmo os seus quatro pelotões na linha avançada (linha A); mas, neste ultimo caso, dois dos seus pelotões, em geral, fraccionam-se colocando duas secções na



linha A e duas na linha de apoio da linha A. Cada pelotão ocupa, no máximo, dois *postos* da linha A, um dos quais é dotado

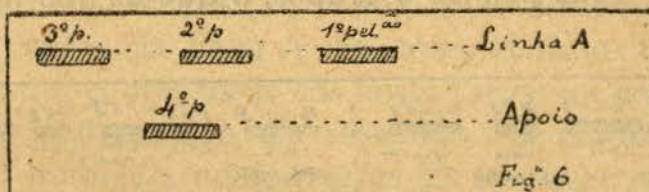
com a sua metralhadora ligeira. O efectivo das suas secções é reduzido ao mínimo susceptível de fornecer uma *sentinela* (1 graduado e 6 homens), podendo assim cada pelotão fornecer até 4 *sentinelas*. Em geral, cada *posto*<sup>1</sup> terá de dia 1 sen-

<sup>1</sup> O dispositivo inglês de postos avançados, segundo os *Field Service Regulations* de 1909 (reimpressas em 1914) é diferente do nosso sistema. Os *piquetes* ingleses tem o efectivo máximo de 1 pelotão, guardando-se durante o dia normalmente apenas com uma sentinela e durante a noite com *sentry groups*, análogos aos nossos *postos à cossaca*; os postos de 1.<sup>a</sup> linha são verdadeiros *piquetes*.



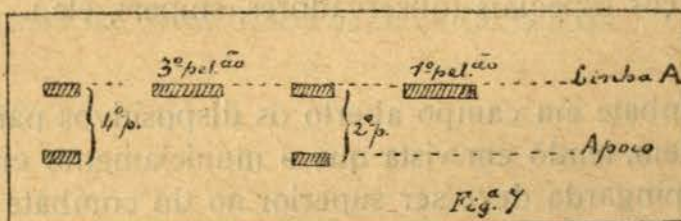
tinela e de noute 2, correspondendo ao efectivo normal de 2 secções por posto. Excepcionalmente, postos colocados em salientes, por exemplo, terão efectivo superior: 1 pelotão reforçado, por vezes, com a metralhadora de outro. Tais postos fornecem 2 e por vezes 3 sentinelas durante o dia.

Os homens que restam da redução do efectivo das secções são destinados a fornecerem as *escutas* (sentinelas nocturnas, à frente do parapeito) e as patrulhas de ronda e de reconhecimento. Nas secções que guarnecem *postos* os homens



são empregados indiferentemente como atiradores ou grana-deiros, sendo, por isso o municciamento de cada posto constituído não só por cartuchos de espingarda e metralhadora, mas ainda por granadas de mão e de espingarda. Êste emprego é facilitado pela forma como é dada a instrução no pelotão.

Nas companhias ternárias do C. E. P. os dispositivos adoptados não foram tão esquemáticos, não só porque o seu fraccionamento se não presta a tôdas estas combinações, mas muito especialmente porque a nossa infantaria teve sempre uma tendência manifesta para não adoptar o fraccionamento regulamentado para o pelotão, conservando-lhe a divisão *binária* em secções, como antes da guerra, e considerando as



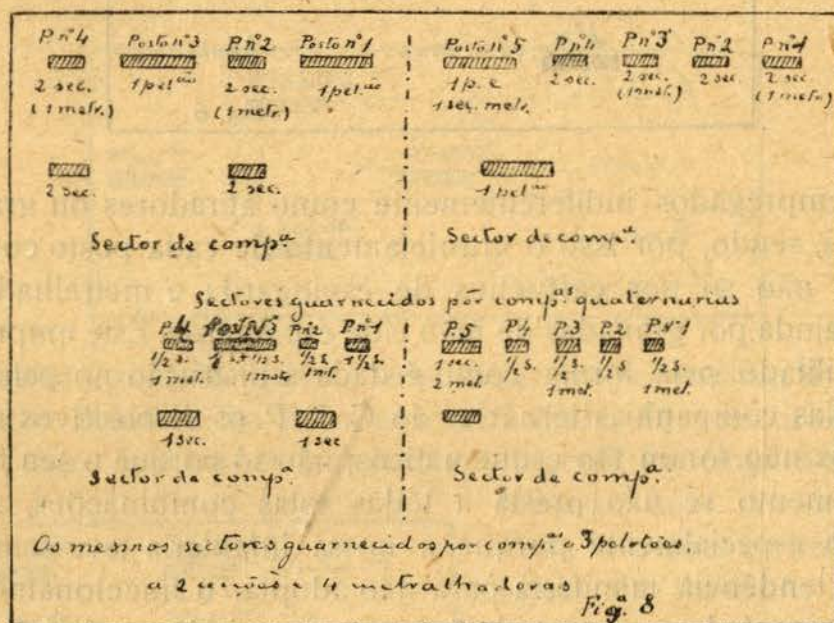
guarnições das 3 metralhadoras ligeiras da companhia como subordinadas ao comandante do «destacamento de metralhadoras ligeiras» do batalhão, formação de emprego tactico muito difficil de encontrar e cuja origem foi a seguinte: como os nossos batalhões rendiam batalhões ingleses em organizações de



fensivas para êles preparadas, e tendo esses batalhões 4 companhias a 4 pelotões, cada um com uma metralhadora, foi necessário dotar os nossos batalhões com 16 metralhadoras, 12 nas companhias e 4 no destacamento.

A fig. 8 dá ideia da maneira como se fez a adaptação dos sectores preparados para companhias quaternárias, às nossas companhias ternárias e «destacamento de metralhadoras».

Os alemães conservaram as suas companhias a 3 pelotões, tendo cada pelotão 4 grupos, o que dá 108 homens de



fôrça de trincheira à companhia, além dos homens destinados a serviços especiais (observadores, snipers, etc.).

No combate em campo aberto os dispositivos para o ataque subsistem, tendo em vista que o municiação em cartuchos de espingarda deve ser superior ao do combate de trincheira para trincheira e que o reconhecimento pessoal dos comandantes dos apoios assume excepcional importância. Os dispositivos a adoptar para a defesa são análogos, porque, pelo emprego da ferramenta portátil a infantaria da linha de fogo e dos apoios deve procurar começar logo a cavar trincheiras, para abrigo dos combatentes.



Pode estabelecer-se a correspondência do seguinte modo :

— Os batalhões são considerados como ocupando a *posição principal de resistência*, não podendo ser considerados como *postos avançados* porque as tropas à retaguarda ou são simplesmente tropas em descanso, para ulteriores rendições, ou tem a responsabilidade na defesa de outros sistemas defensivos, para os quais é vedado aos batalhões, em 1.<sup>a</sup> linha, retirar ;

— As companhias avançadas é que poderão ser consideradas como *piquetes (outposts companies* inglesas), quando estacionem à frente da posição principal de resistência ;

— Os postos da linha A são, como já vimos nos *piquets* ingleses, muito comparáveis aos nossos *pequenos postos* ; o seu *serviço fixo* é durante o dia resumido à *sentinela às armas*, destacando durante a noite *vedetas* (as escutas) e *postos à cossaca* (os *sentry groups*). Excepcionalmente havia à frente da linha A postos ligados por sapas a esta trincheira, postos que tinham tôda a analogia com os nossos *postos especiais (detached posts* ingleses).

Os nomes variáveis que tomavam as linhas de trincheiras devem atribuir-se ao escalão tactico da guerra em campo aberto que êles substituíram, na ocasião de se immobilizarem.

Encontramos assim a linha B (B Line) com o nome de *Supporte Line*<sup>1</sup> (linha de apoio) outras vezes *Reserve Line* (linha da reserva) ; à *Front Line* (1.<sup>a</sup> linha ou linha A) segue-se por vezes uma *Supporte Line*, depois uma *B Line* e por fim uma *Reserve Line*. Pode dizer-se que os nomes variam com o sector de que se trata ; uma parte da linha B no sector português chamava-se *Bute Street* ; havia um sector inglês em que a maior parte da linha B se chamava O. B. Line.

(*Conclue*).

RAUL FREDERICO RATO

<sup>1</sup> Era proibido alterar os nomes ingleses das trincheiras, porque eram esses os que figuravam nas cartas impressas.



## Portugal na Guerra da Europa

### APONTAMENTOS

Num dia entroviscado e pardacento de Abril de 1917, cruzei em Blessy com uma Companhia do 28, que vinha de receber a espingarda Lee-Enfield, que lhe fôra distribuída em um depósito de material dos muitos que os ingleses tinham em França.

E' que a nossa espingarda Mauser-Vergueiro, de calibre diferente, não podia fazer a campanha sem as complicações provenientes de um novo fabrico de munições, circumstancia muito para atender, por não ser pratico nem, talvez, exequível aquele fabrico em tempo de guerra, em que o mais rudimentar principio de organização indicava toda a simplificação de material compatível com as exigencias da guerra.

Os homens, a caminho do acantonamento, iam na sua marcha à vontade e, ao verem-me, não puderam ocultar a sua satisfação; a que não foi estranho o desejo que formularam para que voltasse a assumir o comando da 2.<sup>a</sup> companhia donde andava transviado, pois, ao tempo, estava investido nas funções de Director de uma Escola de Metralhadoras Ligeiras. Tinham razão, porque, quem tinha andado com êles na paz de Tancos, não era justo que os abandonasse na guerra de França.

Prometi-lhes o meu regresso para quando soasse a hora do batalhão partir para as trincheiras e, então, lá me encontrariam pronto a partilhar com êles dos mesmos perigos e das mesmas alegrias; alegrias, digo bem, porque, apesar de tudo, quem estava nas trincheiras tambem se divertia a seu modo, quanto mais não fôsse, rindo-se do 33 que a fugir de uma granada que fôra rebentar nos arrabaldes de Paris, não



conseguiu poupar as calças num drêno para onde *cavou*... ou do rancheiro que, vendo o caso mal figurado, *cavou* também, abandonando o café que estava preparando, resultando *encruar* o assucar, e o café sair amargoso.

Efectivamente, a 9 de Maio, fazia a minha apresentação no 28, já em aprestos de guerra para a sua marcha para a frente, assumindo nêsse dia o comando da 2.<sup>a</sup> Companhia, cumprindo, assim, a promessa que fizera aos homens, já meus conhecidos desde a jornada de Tancos, onde com êles passei o melhor de 68 dias na labuta insana do nosso trabalho de preparação para a guerra. Conhecia, pelo menos, as 250 caras da minha companhia, incluindo nêste numero a minha, mas esta, desde nascença.

Crecques é uma pequena povoação da Flandres, tão pequena, que não dá para um batalhão com Estado Maior e tudo; apenas duas Companhias (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup>) lá se conseguiram anichar com o E. Maior, ficando as restantes em Rebecq, a 1 kilometro de Crecques, que alinhada sobre a estrada Aire-Ferronane parecia esperar a voz de «olhar frente».

Por estas duas povoações se espalhavam os nossos homens nas horas do descanso para, nas horas de instrução, marcharem, uns, para a Escola de Gaz, em Mametz, outros, para a Escola de Esgrima de Baioneta, em Marthes, quando não iam todos em marcha militar por aquelas estradas fóra, a medir kilometros com as pernas, com o louvavel intuito, parece, de afeiçoar a mochila ás costas do soldado, dois irreconciliaveis inimigos, e por culpa da mochila que, quanto mais apertada se pretendia tornar a sua ligação entre ambos, mais a mochila se fartava de *morder* nas costas do pobre homem, que lá ia de espingarda ao ombro, palmilhar 12 a 15 kilometros em redor do acantonamento, para fazer bôca ao rancho da tarde que, afinal, ficava a dois passos do seu bolêto, numa cozinha *paralítica* das rodas...

Era a cozinha rodada, uma especie de cozinha automática por onde, todos os dias e pela mesma torneira, o rancheiro fazia esguichar pedaços de presunto, café, figos, laranjas, chá, manteiga, corned-beef, passas, feijão branco, dôce, carne de vaca, queijo, arroz, leite e batatas, para o que bastava carregar no botão correspondente.

Todavia, a alimentação era sadia e reconfortante, muito



embora diferente da alimentação a que o homem vinha habituado. Não lhe faltava o belo presuntinho de York, o riquíssimo queijo, a saborosa manteiga, o invencível Corned-beef, o chasinho das cinco e tudo o mais que era preciso para embandeirar em arco uma barriga que já tinha posto no entalhe do descanço o macarrão da ordenança.

Parecerá à primeira vista que êste sistema de alimentação teria a equivalencia aproximada de um autentico pão de 16.

Mas não. E a atestar esta minha convicção tenho o meu 145, cujas banhas não me deixam mentir, não fazendo outra cousa se não engordar, verdade seja aproveitando tudo até à última migalha.

Fui dar com êle, uma vez, de canivete em punho, fazendo seguir ao seu destino uma lasca de dôce que se havia emboscado numa unha, com receio, talvez, de ser mobilizada. E a lasca marchou ao seu destino, na ponta do canivete e, por sinal, foi acantonar nessa noute na cova de um dente, segundo marcava o itinerário.

\*

\*

\*

Toda a gente do batalhão estava belamente instalada. E eu, que me apresentava dois mezes depois, tive de me contentar com as sobras ou seja com um bolêto em casa de Madmoiselle Burain, a qual, não obstante a sua qualidade de demoiselle, figurava nas sobras como uma catita... que não era.

As suas 65 primaveras bem puxadas eram outras tantas granadas rebentando à porta da sua habitação, não sendo, portanto, para estranhar que, volvidos dois mezes após a chegada do batalhão a Crecques, eu fôsse encontrar devoluto, um quarto espaçoso e confortavel onde uma cama fôfa, talvez larga de mais para mim, que sou friorento, me esperava de lençóis abertos.

Contudo, êste contratempo não era para desanimar, porque as madmoiselles atraem as madmoiselles na razão directa das massas, e esta era rica, e na razão inversa dos quadrados das distancias que separam as suas idades, circunstancia que, sem duvida, passou despercebida ao ajudante do



batalhão, entidade suprema a quem estava cometido o encargo de nos pôr de casa e pucarinho.

E, tanto o contratempo não era para desanimar, que a cousa ainda se recompôz, embora com ela tivesse aproveitado o tenente-medico, espécie de D. Afonso Henriques de todos os acantonamentos, digam o que disserem os açambarcadores de generos... femininos.

A vida em Crecques corria monótona e sensaborana, entretendo-se os soldados a receber artigos e, às vezes, para variar... entregando artigos.

Quando recebiam e não entregavam, logo a mochila se ressentia com uma má disposição... de roupa que lhe revolvia o interior e, em todas as marchas, a pobre mochila, com grande contentamento das costas do soldado, vomitava botas e escarrava piúgas com o que, ainda assim, experimentava alguns alívios... de pêso, que não eram para desprezar.

Nas horas vagas, divertiam-se com as raparigas do sitio ensinando-lhes o fado do ganga e as cartolinhas. Em troca, as raparigas, divertiam-se com os oficiais fazendo-lhes constantes reclamações sobre os estragos feitos e não feitos pela nossa gente nas suas propriedades, pelos quais pediam sempre quantias fabulosas que tornavam a industria bastante lucrativa.

Muitas raparigas já arranhavam o português, salvo seja. Mas o pior, porém, é que o soldado travesso, rebuscava no seu vocabulario de caserna, os palavrões mais desconchavados, que punha em circulação, sucedendo, muitas vezes, as pequenas empregarem, na maior das ingenuidades, palavrões acentuadamente frêscos, capazes de fazerem espirrar o hipopotamo do jardim Zoológico.

O soldadinho tinha, tambem, uma queda especial para escrever cartas e, com êste serviço, não gastava menos de uma hora por dia. E isto de se dizer que o soldado se *fartava* de escrever, querendo frisar que escrevia, muito, não é bem aplicado ao caso, porque o soldado escrevia, escrevia, escrevia e... nunca se fartava.

Como a carta era um desabafo para o sentimentalismo, aliás, fortemente espicaçado, e com razão, pelas saudades da terra, botava epistola de légoa, fóra a girandola de postais que ia mandando todos os dias.



Odiava a censura que o não deixava pôr a calva do C. E. P. à mostra. Mas, com um certo espírito inventivo que se lhe não pôde negar, ia estudando a melhor maneira de escapar pelas malhas da própria censura, com trucs vários, alguns interessantes.

Assim, um dêles, querendo dizer à família que estava magro e passava fome, a vêr se lhe mandavam uma posta de bacalhau pelo correio, afirmava na carta que estava gordo como o José Sacristão, quando este Sacristão era exactamente o typo mais magro e mais miseravel da sua aldeia e redondezas. E a censura, que não conhecia o Sacristão, deixava passar e o soldado ficava contente.

Outro, dava a noticia do falecimento do 35 informando que o desgraçado tinha ido fazer companhia ao João Carriço. É claro que este Carriço não era mais do que um varão illustre da terra, ha muito abatido à carga dos vivos. Mas como não fosse das relações da censura, esta deixava passar a informação, enquanto o soldado se rebojava, babando-se de gozo.

Noutra ocasião, um telegrafista mais impaciente, a abarrotar de novidades sensacionais por todos os lados, declarava à noiva que passaria a escrever-lhe empregando o alfabeto de Morse, recomendando-lhe que desse as cartas a lêr à senhora Margarida, lá dos correios, *única* pessoa com envergadura para matar a charada. A censura, desta vez, arrebitou as orelhas e pôz-se à espera da passagem do sr. Morse, a quem já conhecia.

Vinha depois outro explicando uma cifra de sua invenção, que de futuro iria adoptar, resumindo-a numa questão de números. Assim, dizia ele, quando puser o n.º 1 no alto da primeira pagina, estava bom de saude; o n.º 2 queria dizer que estava doente; o n.º 3, tinha baixado ao Hospital; o n.º 4, evacuado para a Base e, finalmente, o n.º 5... que tinha morrido!...

E a censurar cartas passavam os officiaes uma bôa parte da noute, porque os dias, eram pequenos e não chegavam para tudo.

De sete em sete dias, tal como sucedia em Portugal, chegava um Domingo. E, então, desanuviava-se a vista com um passeiosito a Aire, cidade a 6 kilometros de Crecques, servida



por um comboio de via reduzida e de velocidade ainda mais reduzida.

Pela cidade, magotes de C. E. Pistas parados pelas montras e enfiados nos *estaminets*, comprando relógios que após uma semana de trabalho se declaravam em grêve, escolhendo *souvenirs* para as namoradas, à razão de um *souvenir* por cada acantonamento de passagem e tirando retratos em postais para distribuírem à laia de prospectos, havendo menino que chegou a fotografar-se mascarado com a mascara contra os gazes na posição de alarme para armar à comiserção das raparigas da sua aldeia que, ao vê-lo assim tão desfigurado, se punham de lágrima no olho como um figo moscatel, chorando a desdita de uma viuvez prematura.

Como reclame à cidade, ninguem do C. E. P. podia circular em Aire-sur-la-Lys sem ter visado a sua guia no grande Quartel General do Amôr, mais vulgarmente conhecido pelo Q. G. 3.

O Q. G. 3 era uma modesta livraria com uma porta e duas montras de cada lado, sobre a Grande Praça, e uma outra porta ao fundo do estabelecimento em comunicação directa com um talho ou cousa parecida onde se vendia carne e rebatiam beijos, tudo pago generosamente pela *bolsa da franqueza*, isto é, pela bolsa onde se guardavam os francos, que o portuguesinho valente trazia permanentemente aberta à exploração do galanteio francês e por onde os francos se escoavam com a velocidade de moedas de vintem.

Entrava-se para o Q. G. 3 com a bolsa cheia para sair com ela vazia, em compras que eramos obrigados a fazer para não desgostar o patriotismo de certa madame, cuja admiração especial pelos portugueses, era rialmente captivante e a quem tecia os maiores elogios, sem prejuizo dos postais ilustrados que lhes ia impingindo por intermédio de duas raparigas especialistas em embrulhar todos... os postais nos melhores sorrisos, sorrisos que, para muitos, eram, por assim dizer, o sêlo em branco nos passaportes com que se apresentavam em Aire.

Esquecia-me dizer que, para entrar neste Q. G., era necessário subir dois degraus dos tais que custavam mais a descer do que a subir.

(Continúa)

LUÍS DO NASCIMENTO DIAS  
Major de infantaria



# Pacifismo

(Continuado de pag. 683)]

## **Na Italia é o proprio povo, apesar da propaganda dos socialistas, que resolve a guerra**

Vejamos agora o que se passou na Italia, que segundo a estatística a que já me referi, publicada em 1903, tinha 17 Sociedades de Paz, formando cada uma um só grupo.

Para completar a sua unidade politica, o sonho da Italia era a anexação das regiões que haviam sido outrora italianas, Trieste e Trento, principalmente, e pensava tambem na conquista da costa oriental do Adriatico, necessaria à sua defesa naval. Não possuia grandes portos, de Veneza a Brindisi, ao passo que a costa da Iliria, nas mãos da Austria, é protegida por numerosas fortalezas. A ligação infeliz da Italia com a Austria enleou os seus sonhos por muito tempo e os alemães aproveitaram-se da sua vantagem de aliados para se instalarem na Italia, fundando aí casas bancarias e estabelecimentos de industria. A influencia que adquiriram foi consideravel.

«Pode dizer-se — escreveu o historiador e publicista italiano Guilherme Ferrero —, que nos ultimos dez anos tôda a gente em Italia se havia tornado germanófila; professores e industriais, socialistas e conservadores, livres pensadores e clericais, filosofos e musicos. A Alemanha parecia ser modelo para tudo, porque era o país que realizava melhor a formula quantitativa do progresso, o país da Europa em que a população, a riqueza, a produção, o commercio, o exercito e a marinha aumentavam mais rapidamente. . . A influencia alemã prevalecia por tôda a parte. Tudo foi germanizado: o exercito, as casas bancarias, os caminhos de ferro, a industria, o socialismo, a sciencia, a filosofia, as escolas, a universidade. . . Seria sempre difficil separar a Italia da Triplice Aliança emquanto a



Alemanha fosse ali considerada como modelo, no mundo, para as classes superiores».

Desta forma, o partido alemão tornava-se cada vez mais poderoso, porquanto tinha o apoio das universidades, e *sobretudo dos socialistas*.

Êstes ultimos faziam grande opposição à guerra. Haviam mesmo organizado entre os camponeses e os operarios, durante as semanas que antecederam a abertura das hostilidades, grupos armados de cacetes encarregados de deter os transeuntes e de os espancar, se interrogados se pronunciassem a favor da guerra. Em fins de Maio rebentou em Milão um verdadeiro movimento revolucionario, quando se soube do bombardeamento das costas italianas. Um grande numero de armazens foram assaltados e mais de sessenta fabricas foram saqueadas.

Na epoca que precedeu a ruptura com a Austria permanecia ainda o parlamento italiano sob o dominio de um neutralista, Giolitti, que quasi ininterruptamente no poder havia 25 anos, tinha coalhado o parlamento de homens dedicados, mas pouco competentes. Conservava-se no poder obedecendo a todos os movimentos da opiniao, mas retirando sempre as concessões que fizera quando o povo estava tranquillo.

Foi com os manejos que tiveram como resultado a conquista da Tripolitana, que Giolitti preparava inconscientemente a eclosão da guerra europeia e a obrigação da Italia tomar parte nela. É êste um facto que prova bem até que ponto os acontecimentos politicos se encadeiam uns nos outros. O primeiro anel dêste encadeiamento foi o sonho italiano de possuir colonias para emigradouro do excedente da sua população. (1) Primeiramente a Italia lançou as suas vistas para a Abissinia, mas a expedição a essas paragens, mal concebida e pior preparada, terminou em 1896 por um grande desastre. Posta de lado por alguns anos, a idea colonial voltou a assoberba-la quando Marrocos esteve iminente de se tornar um protectorado francês. Então, os estadistas italianos pensavam em apoderar-se da Tripolitana, unico territorio que exis-

---

(1) A população da Italia, que era em 1866 de 23 milhões, atingia ultimamente 38.



tia vago na Africa do Norte. O povo sentia um vivo interesse por essa conquista que lhe lisongeava o orgulho.

Mas a Tripolitana pertencia à Turquia e era indispensavel procurar um pretexto para a guerra. «A justificação das hostilidades, sob o ponto de vista do direito internacional, era mais que fraca,» escreveu Ferrero, o historiador a que já me referi. Segundo êste escritor, demonstrou êste facto «até que ponto as classes cultas haviam sido germanizadas em trinta anos».

Realmente, quasi se não invocava como motivo da aggressão mais do que a teoria alemã do direito das raças superiores a sujeitar as raças inferiores.

A aventura da Tripolitana teve o conhecido mau resultado. Ficou demasiado cara e não trouxe compensações. O governo sentiu grande alivio, quando em fins de 1912 conseguiu fazer uma paz mal alinhavada com a Turquia. O descontentamento foi geral e traduziu-se pelo acesso de 24 socialistas ao parlamento nas eleições que se seguiram. É sabido que em todos os paises de regimen parlamentar, os povos manifestam o seu descontentamento com a gerencia publica elegendo deputados socialistas. O descontentamento do povo italiano não se exterioriza só pela eleição de socialistas inexperientes e barulhentos; manifesta-se ainda por greves e motins. Chegou-se a proclamar a republica nalgumas terras da Romanha.

Estava a Italia neste estado de nervosismo quando rebentou a guerra europeia. As violencias praticadas contra a Belgica indignaram profundamente o povo italiano, cujas camadas inferiores desde há muito tempo odiavam o germanismo. Tôda a nação seguia as peripecias do conflito com o mais apaixonado interesse. Grande numero de italianos corre a alistar-se em França logo no principio da guerra e a simpatia pela causa dos aliados e o odio aos imperios centrais atingiram tais proporções, que apesar do tratado de aliança existente, com certeza o governo nunca poderia pôr-se ao lado da Alemanha. Só havia que escolher entre a neutralidade e a guerra contra a Austria, e nestas ideas se formaram dois partidos acentuadamente extremos. O partido neutralista compõe-se principalmente de professores germanizados, *de todos os socialistas* e das populações do norte; o partido interven-



cionista compreendia muitos intelectuais ainda não contaminados pelo germanismo: estudantes, jornalistas, escritores e os membros da alta burguesia. Poetas de nomeada como D'Annunzio, concorrem largamente para levantar a alma do povo. Os jornalistas desempenharam também um papel preponderante. Todos os deste ultimo partido sentiam, que dada a victoria da hegemonia alemã, a Italia, como o resto da Europa, viria a sofrer um jugo intoleravel. Quanto ao povo propriamente dito, operarios, camponeses, etc., esse preferia a paz e por entre ele o partido socialista fez uma encarniçada campanha de neutralidade

As intrigas do principe de Bulow, delegado da Alemanha, teem por unica consequencia aumentar o numero dos intervencionistas.

Entretanto falece o ministro italiano dos Negocios Estrangeiros e sucede-lhe Sonnino, que continua as negociações com a Austria. A propaganda dos dois partidos contrarios mantem-se durante todo o inverno de 1915. A acção dos agitadores da facção intervencionista é particularmente facilitada pela ferocidade dos alemães na Belgica e no norte da França.

Em 26 de Abril de 1915 o governo assinou um acordo provisorio com a Triplice Entente, sem duvida na esperança de assim obrigar a Austria a ser mais condescendente, mas não obtendo cousa alguma neste sentido denuncia o tratado de aliança com os imperios centrais em 3 de Maio.

A Austria e a Alemanha esforçam-se então num grande conluio. Persuadido que podia confiar na Camara onde contava com uma maioria de 400 neutralistas em 500 deputados, Giolitti anuncia que iam começar as negociações com a Austria. Esta declaração é acolhida com grande entusiasmo na Camara, mas é muito mal recebida pelo povo, cuja vontade se impôz decisivamente nesta conjuntura. O ministro Giolitti torna-se de repente impopular com a sua resolução. O parlamento é invadido por uma multidão exaltadissima.

O rei resolve-se após tres dias de demonstrações populares.

«A guerra — escreve Ferrero —, foi aprovada quasi por unanimidade por uma Camara e um Senado cuja maioria lhe era oposta quinze dias antes». *Os próprios socialistas não ousaram intervir.*



Desta crise destacam os sociólogos um traço preciso, característico da conflagração europeia. Já não é, como outrora, a vontade dos soberanos que resolve a guerra ou a paz, mas sim a opinião pública. Semelhante a uma torrente despenhada, que nenhum dique consegue conter, é a opinião pública que obriga os chefes de estado a obedecer às suas flutuações e, por vezes, a agir contra as suas vontades. A Itália, a Romenia e a Grécia são exemplos desta evolução envolvendo-se na guerra. E isto apesar das doutrinas socialistas!

### **A ultra-pacifista América do Norte arma-se e resolve o tremendo conflito**

Vejamos, por fim, o que se passou na América do Norte, antes da sua intervenção.

Estava tornando-se evidente que os Estados Unidos não poderiam decorosamente conservar a sua neutralidade. Os próprios americanos vinham prevendo êste facto, votando quantias enormes destinadas à constituição dum exército e duma armada capazes de fazer frente às agressões que se apresentavam como inevitáveis.

As discussões a que os E. U. se viram forçados com a Alemanha, é que lhes fizeram compreender a necessidade de estarem prontos para se defender. Tornou-se palpável que a pouca consideração dispensada às suas notas era a consequência de não disporem dum exército e duma frota suficientemente fortes. Assim se impoz como inevitável a transformação dos Estados Unidos na potencia militar, que tão grande decisão veio a ter na contenda.

O ex-presidente Roosevelt pronunciou-se claramente a tal respeito. Num livro que se tornou notável afirmou o insigne patrióta, que *o triunfo das doutrinas pacifistas exporia o seu país, infalivelmente, a perecer*. Lembra nessa obra *como foi doloroso o tributo de sangue e de lágrimas que custaram à França as doutrinas pacifistas dos seus dirigentes*. Mostra também claramente com o exemplo da nobre Belgica, qual *o destino a que se expõe um povo insufficientemente armado*.

Depois de referir o monstruoso crime de que fôí vitima a Belgica e a odienta opressão em que os alemães a mantinham, escreveu Roosevelt: — «E é pela manença duma opressão tão



monstruosa que trabalham presentemente os nossos cobardes pacifistas, empregando esforços para tornar impossivel a remessa de armas e munições destinadas aos Aliados».

O armamento da América, ainda mais uma vez demonstra como os acontecimentos políticos se ligam uns aos outros. A brutal Alemanha contava intimidar os neutros, como se fossem pacificas ovelhas, com a invasão da Belgica, a chacina dos seus habitantes e a destruição das suas cidades. Mas, apenas logrou demonstrar-lhes a necessidade que tinham de se militarizar, provando assim aos pacifistas mais obstinados, que o direito sem o apoio da força não constitue uma defesa. Nenhum povo era mais pacifico do que o belga. Tratados acci-tos e firmados pelas grandes potências pareciam have-la tornado inviolavel. Contudo a Alemanha esmaga-a; mas esmagando-a o Kaiser não duvida que destrua por muito tempo a confiança do Universo na Alemanha e armou o mundo revelando-lhe o temivel perigo das doutrinas pacifistas. A reprovação da América iniciada com as violências sôbre a Belgica, toma corpo quando se faz luz àcerca das carneficinas de milhares de velhos e crianças, sôbre o incêndio de Louvain, o bombardeamento da cathedral de Reims, etc. Acentua-se mais quando o torpedeamento infame do *Lusitania* atingiu directamente os E. U., vitimando americanos. O ultra-pacifista Wilson, assume enfim a precisa energia perante as conspirações alemãs tramadas no próprio sólo da América contra a liberdade do trabalho e da indústria; é êle o próprio a pôr-se à frente do movimento intervencionista.

E foi a espada da ultra-pacifista América do Norte, com um sacrificio sublime do sangue dos seus filhos, que inclina decisivamente a íormidavel contenda para o lado dos Aliados. Só pondo de lado o pacifismo se consegue enfim fazer preponderar o *Direito* sôbre a *Força*.

*Continúa.*

MELLO E ATHAYDE

Ten. coronel



# CRÓNICA MILITAR

## Espanha

**Os novos capitães do Estado Maior.** — Tendo terminado os seus tirocinios, foram colocados no corpo de Estado Maior os capitães que tinham actualmente vacatura no quadro desse corpo. Como se sabe, nem todos os officiaes que terminam o curso da Escola superior de guerra entram no corpo do Estado Maior, mas sómente aqueles que tem vacatura no ano em que concluem o seu curso.

No ano em que concluem os seus tirocinios, os que entram no quadro, recebem a *banda azul*, distintivo de official do Estado Maior, e a imposição da banda é feita com uma grande imponencia. Este ano, numa das salas do Ministerio da Guerra é que se realizou essa cerimonia, á qual assistiram todos os officiaes do Estado Maior, residindo em Madrid, vindo mesmo muitos das provincias, e um grande numero de officiaes de outras armas.

Presidiu á cerimonia o capitão general Weyler, chefe do Estado Maior Central, o qual pronunciou uma alocução patriótica, referindo-se a alguns notaveis generaes provenientes do Corpo do Estado Maior. O general Weyler colocou em seguida a *banda azul* ao capitão mais classificado, o sr. Vidal y Corony. O general Ochando, ao immediato, o capitão Pérez Serra. E assim sucessivamente os diversos generaes colocaram as bandas aos outros capitães, por ordem de classificação, sendo feita excepção para os capitães Monge e Ayza, aos quaes a banda foi colocada respectivamente por seus pais, o sr. coronel Sánchez Monge e tenente coronel reformado Ayza.

Terminada a cerimonia, trocaram-se os cumprimentos do estilo. Á noite reuniram-se no hotel Ritz 120 officiaes do Estado Maior, tanto de Madrid como das provincias, uns do activo e outros já reformados. Ao banquete que aí teve lugar, presidiu o general Ochando, por ser o mais antigo dos generaes presentes, tendo proferido um discurso de saudação aos novos officiaes do Estado Maior.

**A exposição hispano-americana de Sevilha.** — Terá lugar dentro em pouco em Sevilha uma exposição de material de guerra a que concorrerão as fabricas nacionaes e tambem as fabricas das nações hispano-americanas. O governo espanhol e a comissão da exposição vae convidar especialmente os governos hispano-americanos a concorrerem a este certamen, onde exporão em secções especiaes todas as armas, equipamentos, fardamento e todos os



petrechos de guerra em uso no exercito e na marinha de guerra e que sejam fabricados no país pela industria do Estado ou pelas industrias particulares. Far-se-á tambem uma exposição de cartas e planos militares de cada país e os respectivos instrumentos topograficos, e da mesma forma os livros de texto adoptados em cada país nas academias e escolas militares, assim como todos os documentos e memorias que permitam formar juizo perfeito ácerca da organização militar de cada país, da sua divisão territorial, do seu sistema de recrutamento, orçamento de guerra e varios dados estatisticos.

É natural que o governo espanhol convide o nosso governo a fazer-se representar na exposição, e que nós, aceitando o convite, tenhamos ocasião de evidenciar os progressos realizados nos ultimos anos nas nossas instituições militares.

O capitão de artilharia do exercito chileno, sr. Marcial Urrutia, em missão em Espanha, propõe que se aproveite o ensejo para a publicação de um *Diccionario militar*, que revista character official para as nações falando o castelhamo.

**Os vencimentos dos officiaes na Guarda Civil em Espanha.** — Em virtude da ultima lei organica do exercito, os vencimentos dos officiaes da Guarda civil, são os seguintes:

Coronel, 10.000 pesetas anuaes; tenente-coronel, 8.000; major, 6.500; capitão, 4.500; tenentes, 3.000; alferes, 2.500.

Os capitães tem uma *gratificação* de comando de 40 pesetas por mez.

Estes vencimentos vieram melhorar um pouco a situação dos officiaes, pois a guarda civil conservava ainda os vencimentos de 1893, que eram:

Coronel, 9.000 pesetas; tenente coronel, 7.500; major, 4.992; capitão, 3.300; tenentes, 2.724; alferes, 2.400. Houve, pois, um aumento de 1.000 pesetas para os coroneis, 500 para os tenentes-coroneis, 1.508 para os majores, 1.200 para os capitães, 276 para os tenentes e 100 para os alferes.

**Na guarda civil e carabineiros queixam-se de não haver sub-officiaes.** — Como se sabe, em 1912 foram criados nas *armas geraes* os *brigadas* e *sub-officiaes*, mas estes postos não foram extensivos aos corpos da guarda civil e de carabineiros, apesar de se terem generalizado aos corpos auxiliares (intendencia, administração, etc.).

Pela lei de 29 de junho de 1918 foi suprimido o posto de brigadas, mas subsistiu o de sub-official, dizendo a lei que "em todas as armas e corpos do exercito haveria na classe dos *inferiores*, os postos de *cabo*, *sargento* e *sub-official*. Parecia, pois, que este ultimo posto passaria tambem a existir nos corpos da guarda civil e de carabineiros; mas tal não succedeu.

Isto mais se agrava com o facto de poderem ser promovidos a alferes os sub-officiaes das armas ou corpos onde existe este posto, o que não succede na guarda civil e carabineiros. É contra esta odiosa excepção que veem reclamando de ha muito os *officiaes inferiores* daqueles corpos.

**Ampliação dos estudos de cirurgia militar.** — Reabriram em 15 de outubro os cursos complementares de cirurgia militar. A estes cursos assistem todos os capitães-medicos que assim o desejem, sem prejuizo do serviço que desempenhem nas guarnições em que são professados estes cursos.



## **Inglaterra**

**Os novos vencimentos dos officiaes.** — Na Inglaterra julgou-se necessario azer uma nova revisão nos vencimentos dos officiaes, sargentos e cabos.

Relativamente aos officiaes, os vencimentos são diferentes, conforme aquelles são casados ou solteiros, sendo menores os destes ultimos.

Ha ainda, além dos soldos de actividade, meios soldos e soldos de reserva, conforme a situação do official ou praça de pré.

Um general com comando de 1.<sup>a</sup> classe vence anualmente 4.342 libras, sendo casado, e 4.288 se fôr solteiro.

Um tenente-coronel vence 1.242 libras; um major 768, e depois de 5 anos, 868; um capitão, 622, e depois de 15 anos, 667; um tenente, 503; um 2.<sup>o</sup> tenente, 394, e com 2 anos de antiguidade, 448. Estes são os vencimentos para officiaes casados; mas os solteiros teem uma redução de 50 a 70 libras.

Os officiaes dos corpos tecnicos teem vencimentos especiaes e maiores. Estes vencimentos começaram a ser applicados aos officiaes no serviço activo desde 13 de setembro; aos da reserva e reformados, desde 1 de abril.

O vencimento inicial para os soldados é de 2 sh. e 9 p. diarios, aumentando sucessivamente a partir dos 2 anos de serviço.

## **Italia**

**O esforço militar da Italia na grande guerra.** — Segundo a estatística official, foram mōbilizados 5.655.000 homens; morreram 496.921, sendo 15.500 officiaes; foram feridos 946.640; foram feitos prisioneiros 465.488; ficaram inutilizados 570.000; estiveram enfermos 2.550.000; ficaram mutilados 219.145.

Os navios afundados representam uma tonelagem de 90.593.

O total da divida italiana é de 70.599 milhões de liras.

## **Suissa**

**A instrução militar no exercito suiso.** — Em virtude das lições da ultima guerra, algumas modificações teem sido introduzidas nos metodos de instrução no exercito suiso.

A instrucção é exclusivamente orientada na preparação para a guerra.

Dá-se a maior importancia á ginastica, á instrução individual com baioneta e com granada.

A instrução fundamental toma o caracter individual, procurando-se desenvolver o mais possivel o espirito de iniciativa e o aproveitamento do terreno para o combate.

A' parte moral é dada grande importancia, procurando-se inspirar o espirito de companheirismo, o gosto pelo cumprimento do dever e pelos exercicios militares. Realizam-se frequentes exercicios nocturnos, por isso que as marchas ter-se-ão de realizar no futuro quasi sempre de noute.

O terreno em que se realizam os exercicios é um verdadeiro campo de batalha moderno (com trincheiras, escavações, redes de arame farpado, etc.).



Em cada dia, a instrução termina por exercícios em ordem unida.

Sob o ponto de vista tactico, na defensiva, o terreno é organizado com trincheiras, mas na 1.<sup>a</sup> linha colocam poucas forças, e a 2.<sup>a</sup> linha serve para cobrir a artilharia. Entre as duas linhas se ocupam posições muito dissimuladas, onde se colocam metralhadoras e pequenas forças de infantaria, que devem bater de flanco o inimigo, que tenha transposto a 1.<sup>a</sup> linha. As *reservas* se dá como missão especial a execução de contra-ataques ou reacções ofensivas, tendo em vista lançar as forças inimigas fóra da posição. Liga-se a maior importância a estas acções ofensivas, que devem ter grande analogia com todos os actos de ataque na guerra de movimento.

Na *defensiva* a infantaria deve colocar na frente da posição principal pequenos destacamentos com o fim de observar o inimigo e dificultar-lhe a exploração pelas patrulhas de combate.

Os assaltos á posição serão em particular repellidos por tropas ocultas em abrigos; e as reservas efectuarão os contra-ataques.

Na *ofensiva* deve-se procurar actuar por surpresa e a infantaria deve ser apoiada constante e eficazmente pela artilharia.

Para haver intima ligação entre a infantaria e a artilharia, esta deve estar subordinada ao comandante do grupo de ataque, devendo ser a infantaria quem deve indicar á artilharia os objectivos que convem bater e o momento em que devem ser batidos. Esta intima união entre a infantaria e a artilharia deve manter-se constantemente, mesmo no assalto, sempre que se tenha de atacar diversas linhas fortificadas ou fortes formações de contra-ataque.

Torna-se, pois, necessario que na 1.<sup>a</sup> linha de infantaria hajam officiaes de artilharia, observadores de artilharia, e que estejam continuamente em ligação com os comandantes da artilharia. O apoio da artilharia deve manter-se até ao momento em que haja risco de ferir a própria infantaria. Os lança-minas e lança-granadas são incapazes de apoiar a infantaria no ataque alem da zona de acção da artilharia, e mesmo porque a sua eficacia é diminuta, em virtude da grande dispersão.

As forças tem de ser dispostas em profundidade, devendo o assalto executar-se em 3 ou 4 ondas sucessivas, seguidas de reservas que substituam as baixas nas ditas linhas (ou ondas), as quaes na ultima fase do ataque estão distanciadas 100 a 150 metros, de forma que, quando uma linha atinja a posição, a onda seguinte ali chegue passados poucos minutos.

A 1.<sup>a</sup> onda deve ser forte e densa, alcançando a maxima coesão no momento do proprio assalto; as ondas que seguem substituem as baixas da 1.<sup>a</sup>, para conservar constante a sua potencia e aumentar mesmo a densidade.

O *homem* continua a ser o elemento principal do combate, porque mesmo o valor do terreno é dado pelo homem, sabendo aproveitar ou organizar este. (Memorial de Infantaria — agosto, 1919).

## Diversos

**A telefonia sem fios.** — Continua-se em Espanha com grande interesse a fazer diversas experiencias sobre o emprego da radio-telefonia. Ultimamente tem sido feitas experiencias das estações instaladas em aeroplano e no aeródromo de Cuatro Vientos pelos engenheiros que tem a seu cargo a aviação



militar e pelos do Centro Electrotécnico. Os aparelhos em ensaio foram apresentados pela Companhia Nacional de T. S. F.

Uma estação radio-telefonica foi instalada num aparelho tipo W da aviação militar, cujo modelo tinha sido projectado pela casa Marconi de Londres, mas que foi executado nas oficinas Telmar, que a mesma companhia tem em Madrid. As experiencias deram os melhores resultados.

Recentes experiencias se realizaram tambem com aparelhos da mesma companhia, transmitindo-se a palavra através o Atlantico da estação de Kerry, na Irlanda, para a do cabo Bretão, na Nova Escocia, o que representa uma distancia de 1.800 milhas.

Foram empregados os motores Daimler, da força de 3,5 H. P.

**Movimento estatístico da população de Espanha. Seu estado sanitario.** — A *Direcção Geral do Instituto Geografico e Estatístico* acaba de publicar a estatística do mez de maio de 1919.

Por ela se vê que houve nesse mês em Espanha 50.230 nascimentos e 37.562 mortes, das quaes 11.667 são de menores até 5 anos.

O maior numero de mortos foram-no por doenças do coração (3.084); seguindo-se: por doenças do aparelho respiratorio, 2.757; por tuberculose pulmonar, 2.596; por gripe, 2.278; por bronquite aguda, 1.909; por meningite, 1.510. Houve varios casos fataes de febre tifoide e de tifo exantematico.

**Aviação postal em Espanha.** — Acaba de ser decretada em Espanha a criação do *Serviço de aviação postal*. Desde já são estabelecidas em especial as linhas aereas maritimas, estabelecendo as comunicações postaes entre a Peninsula, as Baleares e a Africa.

Estes serviços ficam subordinados á Direcção Geral dos Correios e Telegrafos. Além da correspondencia official, será transportada a correspondencia particular e a das Companhias com quem o governo estabeleça contrato.

Desde a data do decreto fica proibido o transporte de correspondencia de qualquer natureza por aviões particulares, a qual será considerada contrabando e por isso sujeita ás penalidades da lei.

Será empregada uma franquia especial para a correspondencia postal aerea, e por meio de uma taxa tambem especial.

Para os efeitos da distribuição postal, a correspondencia aerea é considerada de urgencia.



# CRÓNICA MARÍTIMA

## Portugal

Discurso do vice-almirante Vicente d'Almeida d'Eça, pronunciado por ocasião da cerimónia da inauguração da placa comemorativa dos antigos alunos da Escola Naval mortos na guerra. — Completando a notícia dada no último número da Revista, damos hoje como prometemos, condigno lugar à primorosa oração do distinto Lente de Direito Marítimo Internacional e História Marítima, da Escola Naval, comemorando os antigos alunos que morreram no cumprimento do seu dever. Transcrever esse notável documento, agora de tanta oportunidade, é uma obrigação de que gostosamente nos desempenhamos, porque desejamos vêr ainda a nossa Marinha de Guerra voltar, já não dizemos ao seu antigo esplendor de que procuramos dar uma idéa no número especial de Junho e Julho último, mas ao menos ser alguma coisa de valôr no concerto internacional. E para se ter bom material é indispensável possuir um pessoal devidamente adestrado, e dotado da maior elevação moral, facto este que não receamos errar, classificando-o de importantíssimo.

É a esse patriótico e alevantado fim que visa a oração de Almeida d'Eça e por isso, não queremos demorar mais os nossos leitores, na apreciação das nobres e sentidas palavras que se vão seguir :

### Pela honra de Portugal !

«Passagem dum rio. Águas lodosas do Rovuma, de pouco fundo, margens crespas de mangal, calor torrido, atmosphera pesada. Além uma posição inimiga que se supunha abandonada e que cumpria ocupar. Avançam os escaleres, mal reconhecendo os canaletes ; era, afigurava-se que era, um serviço facil, vulgar, de importância secundária. De repente crepítam as metralhadoras inimigas escondidas no mato ; respondem os nossos ; caem alguns ; retiram os sobreviventes. O guarda-marinha Janeiro resiste até à última. Vendo-se perdido, atira-se à água. Não mais foi visto.

Rocega de minas ; patrulhas de exploração. Serviços tediosos, de todos os dias, sem pena nem gloria, ao que se dizia. Os mortíferos engenhos apareciam, como por encanto, persistentes, teimosos, colocados por mãos invisíveis, quasi misteriosas. Cada manhã lá safam as parelhas para a pesca abor-



recida ; físgavam as minas, faziam-nas explodir e recolhiam ; tudo feito conforme regras bem conhecidas, faceis de entender por um povo de pescadores. Ninguém fazia caso ; os que se empregavam no serviço, iam e vinham, descuidosos ; os que de terra os viam sair de manhã, entrar à tarde, entendiam què era uma distração. Mas um dia a cidade estremece de horror. Uma das minas, como que para vingar-se da indiferença geral, vai de encontro a um barco patrulha, faz explosão, mata o tenente Cascais.

Combate com um submersível. Sabeis o que foi êsse serviço dos comboios. De dia, a agudesa da visão levada ao paroxismo ; perscrutar o horizonte e a todos os rumos ; tentar penetrar as águas glaucas do mar. De noute, tudo apagado, os falsos alarmes das vigias. E os rádios ferviam : «Submarinos em tal paragem» : «Siga a tal rumo» : «Recolha ao porto mais próximo». Infernal serviço ; ao cabo de poucos meses as maiores energias abatiam, havia que render o pessoal. E nos navios comboiados : os exercícios freqüentes de salvação ; os terrores, latentes ou manifestados, dos passageiros, especialmente ao cair da tarde ou no diluculo da alvorada ; salto da toninha, galha de tubarão, repucho de baleia, ardentia da calema, tudo lhes parecia o temido periscópio ou o bojo do submarino que sobredanava : igual inferno.

No dia 14 de Outubro de 1918, três semanas antes do Armistício : o caça-minas *Augusto de Castilho* navegava da Madeira para os Açores, comboiando o paquete *S. Miguel*. . . Perdão : para que repetir mais uma vez a conhecida narrativa ? Lopes de Mendonça, o «Bôca de Ouro» da nossa corporação, fê-la em páginas brilhantes, como as sabe escrever o autor do «Duque de Vizeu» e do «Afonso de Albuquerque».

Por isso vos digo, senhores, recordai a narrativa de Lopes de Mendonça : olhai ao longe ; eis que nitidamente divisamos a figura erecta, nobilíssima, de Carvalho Araujo, manobrando o seu navio de modo a proteger a retirada do paquete, comandando o fogo com as mesquinhas peças de que dispunha, mais mesquinhas ainda as munições para elas, vendo cair em tórno de si tantos companheiros, postos fóra do combate ; depois quando a salvação do comboiado estava assegurada e o minúsculo caça-minas, que só tinha de valioso o nome, era um montão de destroços, êle preparou a retirada nas embarcações ; seria o último a abandonar o seu navio, como determina a Ordenança ; mas o submarino, enraivecido contra a insólita resistência daquela casca de nóz, continúa a vomitar projecteis ; vem mais um e o Comandante do *Augusto de Castilho*, cai mortalmente ferido. Antes dêle, logo no começo do combate, caíra um pobre rapaz, o aspirante Mota e Freitas ! Olhai fito : Carvalho Araujo morreu a morte dos bravos ; por isso reparaí como a sua figura se levanta e vai subindo serena no nimbo luminoso da nossa História Marítima.

Houve nêsse combate um episódio, menos conhecido talvez, que desejo recordar. A bordo do paquete, refeitos do primeiro alarme, os passageiros acudiram ao convés, às pontes ; seguiam interessados o duelo de morte ! A cada projectil do caça-minas que alcançava, ou lhes parecia alcançar o submersível, gritavam entusiasmados : «Acertou ! Acertou !» As senhoras acenavam com os lenços, as crianças seguiam com os olhos desmesuradamente abertos o temeroso espectáculo que as mães lhes apontavam : «Filho, não tenhas medo, lá está o *Augusto de Castilho* que nos defende !» E o *S. Miguel*,



com as chapas das caldeiras esquentadas ao rubro, devorando milhas em direcção aos Açores, foi contar que o *Augusto de Castilho* tinha metido no fundo o inimigo, com exemplo da confiança que sabe incutir a destimidez serena.

### Os heróis do ar

Finalmente serviços de aviação. Cito-os em último lugar, justamente para sobre eles, que tão importantes considero, encerrar estas desataviadas observações; e ainda porque ao triste caso se ligam recordações muito pessoais; desculpai-me.

Na Grande Guerra a aviação teve papel primacial, a aeronavegação desenvolveu-se extraordinariamente, em aparelhos aperfeiçoados, em feitos assombrosos, em audácia, nunca imaginada, dos «azes». Ficou assente e tornou-se prático ser a «Quinta Arma» auxiliar indispensável dos exércitos de terra e mar; não pela facilidade dos bombardeamentos aéreos, que reprovó é que só como represálias se devem empregar, mas pelos outros serviços de exploração, avisos de cima para baixo, transmissão de ordens, rápidos socorros. E, facto único nessa universal destruição, ao passo que dos outros engenhos de combater, tão aperfeiçoados na Grande Guerra, nenhum proveito se tirou para o tempo de paz, os aperfeiçoamentos da aeronavegação prometem utilizar-se com vantagens nas comunicações postais, na fiscalização das costas, e em tantos outros serviços exigidos pela civilização. Telegrafia sem fios e aviação devem ser os dois grandes instrumentos de intercomunicação dos povos.

Naturalmente o nosso país teve que empregar aviões: máquinas imperfeitas, talvez, consoante foi possível obtê-las; mas, em compensação, pilotos entusiastas, dedicados, depressa treinados e não receando os riscos da nova aventura; ou não fosse esta a terra em que Bartolomeu de Gusmão tentou, primeiro que outros, tornar verdadeira a lenda de Icaro, voar.

Os submarinos infestavam as nossas águas; era necessário vigiá-los, descobri-los. Para isso em cada manhã uma patrulha de hidroaviões saía da Base, erguia-se aos ares, dirigia-se à Barra; os observadores perscrutavam a massa das águas, quasi translucidas, vistas do alto; recolhiam.

Nessa época eu estava (e é este o motivo da minha especial comoção recordando o triste acontecimento), eu estava na minha costumada tebaida sobre a baía de Cascais. Cada manhã eu via passar, quasi por cima de minha casa, esses rapazes, todos meus antigos discípulos; não me viam eles decerto; não sonhavam que alguém lhes seguia as evoluções e os saudava carinhosamente: «Avante, rapazes valentes! Arriba, navegadores do ar! Vigiai bem; defendei-nos dos malditos!»

Aquele dia 23 de agosto amanhecera sereno, luminoso como o são tantos no verão da nossa terra abençoada. A cabeleira da Serra de Sintra desfizera-se, sinal de que a nortada afrouxára; apenas alguns cirrus algodoados, como bandos de carneiros brancos, se despegavam, os últimos, da Serra e seguiam para o sul. O mar, ermo de navegação; nem uma vela de mercante; nem o penacho de fumo de um «destróier»! o mar, verde esmeraldino junto à costa, azul de cobalto, sob a luz faiscante do sol, mais ao longe, encrespa-



va-se em pequenas vagas, que de terra pareciam ondinhas. Espectáculo sempre atraente; espectáculo agora tão cheio de apreensões! «Eles lá veem»; — gritaram-me do jardim. Senti efectivamente por cima da minha cabeça o bezoar dos motores. Eram naquele dia pilotos, soube-o depois, Santos Moreira e Azeredo de Vasconcelos.

Saudei-os, como de costume, acompanhei-os com a vista, enlevado. Valentes rapazes... E os dois aparelhos lá seguiam para oeste serenamente, recortando o azul luminoso do céu ora o rectângulo das azas alvinhentas, ora uma só linha de côr esbatida. Subiam, subiam sempre, quâis cisnes, tornados condores, ou, melhor, quâis balieiras do meu tempo que tivessem colocado ás velas horizontais e por mágico impulso se atirassem aos ares. Não lhes ouvia eu já o ruído dos motores, mas via-os seguindo sempre, dominando do alto a terra e o mar, na luz clara daquele dia radioso. Sem duvida, entregues apenas à acuidade da observação, esqueciam as misérias cá de baixo, de Portugal e do mundo inteiro, as tristezas, as desgraças, as maldades: carestia da vida e novos ricos, açambarcamentos e gatunos de cadastro, pneumónica e exantemático, e maior que tôdas as tristezas, que tôdas as desgraças, que tôdas as maldades, a causa de tôdas elas, a Guerra, a filha do infame conubio do Orgulho com a Ambição.

Horas depois, na quotidiana viagem para Lisboa, notei inquietação em camaradas que vinham na mesma carruagem. Debruçavam-se nas estações, interrogavam. «É certo? Salvou-se?» Informei-me: dizia-se que um dos aparelhos tinha caído ao mar; não se sabia se houvera mortes. Em Belem a dúvida desfez-se. «Morreu o Azeredo!» Azeredo, meu discípulo estimado; Azeredo, filho dum bom, dum optimo oficial de mar, filho dum dos meus melhores amigos. Desculpai-me...

Souberam-se depois pormenores. O aparelho de Santos Moreira tivera qualquer desarranjo que o obrigara a descer. Azeredo retrocedeu para Cascais a avisar um caça-minas, seguindo-o depois a mostrar-lhe o rumo. Realizado êste serviço e faltando um dos aparelhos, a patrulha nada mais tinha a fazer naquele dia. Mas Azeredo ficou ainda emquanto o caça-minas rebocava o aparelho de Santos Moreira, são e salvo. Ao que parece, o motor do Azeredo teria falhado; o aparelho precipitara-se; caído no mar, de chofre, a vaga embrulhara-o. Azeredo morreu e com êle o observador...

### **Para os novos ouvirem!**

Para que serve tudo isto? Para que serve aquela placa? Para que me serve, a mim, o esforço de procurar transmitir-vos o meu sentimento, a vós senhores, o cansaço de ouvirdes, mais uma vez, o que muito bem sabeis e sentis?

Para mim, para os da minha idade, que nos vamos aproximando do ocaso, sempre tão melancólico, agora muito mais nas incertezas dêste momento, aqueles nomes não podem servir-nos de incitamento: dêmos o que podíamos dar, cada um no ambito dos trabalhos em que empregámos tantos anos de vida; quâsi não temos já presente; temos só passado. Quando muito, e alguma cousa é, aquela placa relembra-nos filhos dilectos, que procurámos



ensinar para o serviço da Pátria, que desvanecidamente vimos aplicar-se com cuidado e dedicação a êsse serviço, que por ela nos deixaram e morreram antes de nós, legando-nos saudade intensa, só compensada pela honrada fama que dêles ficou.

Mas para vós, senhores aspirantes de marinha, para vós, que despontais agora no oriente da carreira, para vós, que tendes futuro, para vós, aquela placa serve de muito. Decorai os nomes ali inscritos, fixai na memória os feitos glorióios que ali se perpetuam, e prometei a vós mesmos que, chegada a ocasião, sabereis morrer como Carvalho Araujo, Azeredo de Vasconcelos e os outros. Morrer, sim, porque a vida é um constante caminhar para a morte, e ninguém, que se considere digno do nome de «homem», dela deve ter medo. A vossa corporação, melhor, aquela a que quizestes pertencer, é classificada por um escritor italiano como a dos «Uomini senza paura».

E não é do temor das cousas que eu vos peço que vos liberteis; vagas encapeladas ameaçando tragar o vosso navio, trevas profundas do mar onde descera o vosso submersível, nuvens acasteladas onde se perderá, por momentos, o vosso avião, redutos minazes de «destroyers» que sobre vós vomitem projecteis, bojos traiçoeiros de submarinos que vos arremessem torpedos, tudo isso virá, tudo (ai de nós), e não é isso que eu vos digo que não temais. Sois filhos de Portugal, da terra dos marinheiros; haveis de manter a tradição de tantos séculos; estou certo.

Mas há outro temor contra o qual eu desejo prevenir-vos; é o temor dos homens; é o receio de desagradar; é o deixar-se ir na corrente, embora se reconheça que ela conduz ao precipício. É necessário, é indispensavel reagir enérgicamente contra essas tentações. Não receeis acreditar e afirmar que tendes uma Pátria, à qual deveis todos os sacrificios. Não receeis acreditar e afirmar, que só o seu trabalho dignifica o homem. Não receeis acreditar e afirmar que só na família o homem é honesto e é forte, e que trabalhando para ela, trabalha para a Pátria. Não receeis acreditar e afirmar que é um crime a fortuna adquirida pela desonra. Haveis de subir em postos; haveis de «comandar». Para saber «comandar» é necessário que, primeiramente, tenhais aprendido a «obedecer»; não receeis acreditar e afirmar que a «disciplina» é a base essencial de todo o organismo militar, direi mais, de todo o organismo social. E por isso vos direi ainda: não receeis acreditar e afirmar que as doutrinas contrárias à disciplina social são erróneas e são perigosissimas. Diz-se que estamos num período de transição; é verdade. Mas a Natureza nos mostra e a História nos ensina que das convulsões sociais, como dos grandes cataclismos, tem que resultar uma situação, que pode parecer nova, e que afinal para que perdure há de fundar-se na Ordem, na Justiça e no Trabalho. Não sendo desta maneira, a convulsão é inútil; assim foi a obra de Atila; assim foi o «Deutschland über Alles»; assim estamos vendo que será o bolchevismo. E sobre tudo, norma fundamental da vossa vida: trabalhai. Não receeis acreditar e afirmar que o trabalho não se conta por horas; que o trabalho manual não é mais que o trabalho mental; que, se a Natureza fez os homens iguais, é também natural que os merecimentos os distingam; e que há muito trabalho, gratuito, e contudo de grande proveito para a Humanidade e para a Nação; dêsse trabalho é paga bastante a consciencia daqueles que podem dizer: cumpri o meu dever».



Damos em seguida a alocação de S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Ministro da Marinha, que encerrou a comovente cerimónia, e que igualmente merece condigno registo nas páginas da *Revista Militar*.

«Sr. Presidente, meus senhores.—A Escola Naval, mãe espiritual de tantas gerações de oficiais que há-mais de um século, estreitamente ligadas por uma nobre tradição de sacrifícios e abnegação, se tem devotado ao serviço da Pátria, reúne hoje muitos dos seus filhos, entre os quais se distingue o venerando Chefe do Estado pelas suas virtudes cívicas e militares, para prestar a homenagem devida aos nossos heroicos irmãos de armas mortos na grande guerra.

O seu sublime sacrifício indica às novas gerações o caminho do dever: os episódios gloriosos do *Roberto Ivens*, do *Rovuma*, do *Augusto Castilho*, que enriqueceram e embelezaram a nossa tradição de marinheiros, definem a elevada missão que a Marinha de Guerra desempenhou e desempenhará ainda na vida Nacional.

Antonio Janeiro e os seus companheiros mortos e desaparecidos nos combates do *Rovuma*, sintetizam a continuidade do esforço da raça para marcar as fronteiras de novas pátrias nossas irmãs de raça e de língua; Raul Cascais e seus companheiros, arrastados para o abismo quando serenamente realizavam a «grande tarefa rude e silenciosa» que, no período mais activo da guerra, tornou possível o relativo conforto da vida portuguesa; Azeredo de Vasconcelos iniciando galhardamente a epopeia naval dos ares; Carvalho de Araujo e os seus companheiros, sucumbido heroicamente no mar dos Açores numa luta tão desigual como cavalheiresca, sintetizam a continuidade do esforço para manter livre o caminho do mar, condição essencial para a liberdade económica de um povo.

A Escola Naval prestando uma homenagem sentida e carinhosa aos seus filhos caídos no campo da honra, cumpre a sua função de educadora apresentando o seu sublime sacrifício como exemplo a seguir pelas novas gerações de oficiais. O exemplo frutificará; as novas gerações encontrarão nêlo o estímulo para o seu aperfeiçoamento moral e profissional, e no futuro, como no presente, a Pátria e a Republica encontrarão sempre marinheiros que as sirvam com lealdade, com dedicação e com desinteresse».

**Flotilha americana no Tejo.**—Fundeou no nosso rio, no dia 19 de Outubro uma numerosa flotilha Norte-Americana, desde o Cais do Sodré até ao Terreiro do Paço.

Vinha de Brest e era comandada por captain C. Wood, arvorando o seu distintivo no cruzador *Panther*, de 3600 toneladas e 365 homens de guarnição.

Compunha-se dos pequenos cruzadores, *Falcon*, *Quall*, *Lork*, *Wilpon*, *Shanderling*, *Turkey*, *Roppin*, *Offrey*, *Gieb*, *Connorant*, *Seagell*, *Mallart*, *Finch*, todos de 900 toneladas e 80 homens de guarnição, monitor *Widgeon* de 950 toneladas e 74 homens de guarnição e 12 caça-submersíveis, com motores de gazolina deslocando cada um 75 toneladas.

No dia 22 de Outubro chegou ao Tejo outra flotilha americana, composta de 25 unidades, tendo como navio chefe o cruzador auxiliar *Black Hayoc* de 4026 toneladas com 30 oficiais e 623 homens de guarnição, arvorando o distintivo do comandante John Rodjers.



Os navios são canhoneiras de 150 toneladas, guarnecidas com 4 oficiais e 75 praças com os nomes de *Swallow*, *Woodcock*, *Flaming*, *Rail*, *Chewing*, *King-Fisher*, *Elder*, *Swan*, *Auk*, *Curlew*, *Tanagir* e *Oriole*, uma canhoneira de 75 com 3 oficiais e 4 praças com o nome de *Penobscot* e 11 caça-submersíveis cada um guarnecido com 1 oficial e 11 praças.

Todos êstes caça-submersíveis são numerados, tendo o mais elevado o número 355.

Esta segunda flotilha tem a guarnição total de 1864 homens.

O número total de navios das duas flotilhas é de 53 com 3600 homens de guarnição em números redondos.

Como se vê, são unidades ligeiras que a Grande Republica Norte-Americana construiu rapidamente quando entrou na guerra com o fim de dar caça aos submersíveis, e que agora recolhem à America, tendo cumprido a sua missão, sendo o seu provavel fim, serem vendidas e distribuidas pelos numerosos centros de trabalho que afirmam a grande vitalidade da poderosa e admiravel Nação Norte-Americana.

**Os navios ex-alemães.**—Foi presente ao Parlamento em 15 de Outubro por S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Ministro das Finanças, uma proposta de lei pedido autorização para o seu arrendamento.

Estando, como é evidente, o problema da marinha mercante intimamente ligado ao da marinha de guerra, visto que o desenvolvimento da primeira acarreta necessariamente o aumento de navios de guerra para a proteger de um modo eficaz, julgamos oportuno registar nesta crónica êsse documento que, embora seja apresentado como um ponto de partida, para futuros aperfeiçoamentos e melhoria de garantias para a Nação, não deixa de impressionar pela carencia de dados explicitos e concretos, donde ressaltem mútuas vantagens para as partes contratantes.

Será ocioso dizer que, por feitiço que inalteravelmente temos sempre mantido nos nossos modestos escritos de há uns bons 25 anos para cá, e também porque assim o exigem imperiosamente os estatutos da *Revista Militar*, pômos inteiramente de parte a mais ligeira sombra, o mais tenue vislumbre de política, na acepção em que ela é hoje tomada no nosso Portugal, tão belo e tão infeliz.

Sim, porque a Política sã que todós deveríamos seguir era aquela que resultasse da congregação dos esforços de nós todos para engrandecermos a nossa Pátria, torna-la digna e respeitada aos olhos dos estranhos, arrancar do seu sólo abençoado tudo o que ela nos pode dar com um trabalho persistente e honesto.

Transcrever, pois, esta proposta de lei não representa em nós outro fim senão o de chamar a atenção dos que presidem aos altos Destinos do País, para que, depois de um aturado e consciencioso estudo, saia um contrato em que auferam compensadores lucros aqueles que, pela sua competencia e façuldades do trabalho, se abalançam à extenuante tarefa de administrar proficuamente uma grande emprêsa de navegação sob a Bandeira Portuguesa, mas que lucre também a Nação inteira, reservando para si, o máximo razoavel de vantagens em troca do material que entrega à exploração.



Dizia o falecido Conselheiro Neves Ferreira, distinto ornamento que foi da Marinha de Guerra portuguesa que para haver marinha mercante, era indispensavel possuir artigos para lhe meter dentro. Não há a menor dúvida. Ora os artigos há, mas falta onde os transportar na sua totalidade. É facto bem conhecido de todos de que só uma pequenissima parte do nosso Comercio Marítimo é transportado em navios sob a Bandeira Nacional.

Houve em tempos, aí por 1889, uma patriótica tentativa para desenvolver a nossa navegação.

Havia um grande exemplo na Emprêsa Nacional de Navegação criada e dirigida pelo braço forte, pela inteligente cabeça de Ernest George, tendo mais tarde por continuador da sua obra Pedro Gomes da Silva, que ainda hoje dirige essa poderosa companhia e é considerado como uma autentica autoridade no assunto.

Essa altamente louvavel tentativa foi acolhida entusiásticamente em todo o País, e não lhe faltaram capitais que lhe permitiram apresentar de pronto o *Tunque, Rei de Portugal, Loanda, Moçambique e Malange*, 5 airosos e elegantes barcos que em nós, nêsse tempo em *Lourenço Marques*, produziram uma intima satisfação, uma intensa alegria, quando vimos os dois primeiros dobrar a Ponta Vermelha e entrarem magestosos no Rio do Espírito Santo, primeiro o *Tunque*, o mais pequeno de todos destinado à navegação entre os portos de Moçambique e depois o *Rei de Portugal*.

Que saudosas recordações conservamos dêstes bons tempos, que então muitos consideravam como péssimos.

Êsse esforço, essa benemérita iniciativa, conhecida na história pelo nome de Mala Real Portuguesa, acabou em pouco tempo por um tremendo desastre. E não foi nos navios que êle teve logar.

Foi no Largo do Pelourinho.

Depois disto ficaram em campo a Emprêsa Nacional de Navegação, a Emprêsa Insulana, que, modestamente começada há umas boas dezenas de anos, tem mantido até hoje por um trabalho honesto e persistente, um lugar de destaque na marinha mercante portuguesa, pequenos agrupamentos e mais nada.

E compreende-se. Quem vai arriscar capitais depois daquele lamentavel exemplo?

Eis o motivo porque desejaríamos que agora surgisse uma forte agremiação que, aproveitando as excepcionais condições de momento, pudesse dar um forte impulso à navegação mercante portuguesa. Sim, mas que houvesse também a justa e devida compensação para o Estado, que somos nós todos, a Nação inteira que precisa instantemente afirmar ao estrangeiro, que ainda contem em si os elementos para poder viver digna e independente.

São êsses os nossos votos, e crêmos firmemente não estar em erro, afirmando serem também os da *Revista Militar*, que em 70 anos de existência, não se desviando um só momento, do patriótico caminho que traçou no seu programa, tantos serviços tem prestado e continúa prestando ao progresso e desenvolvimento da Força Armada a quem a Nação confiou a sua defesa.

É essa a causa única e exclusiva deste arrojado com que abusamos da



paciencia dos nossos leitores. Eis o projecto de lei e as cinco bases que o acompanham :

Artigo 1.º É o Poder Executivo autorizado e de harmonia com as bases anexas a esta lei, a conceder, pelo prazo de 25 anos, a exploração da frota mercante do Estado, e bem assim a contrair um empréstimo de 20.000 contos ou de 2.500.000 £, representado em obrigações de 5% amortizáveis em 25 anos, emitidas pelo Estado e isentas de qualquer imposto ou contribuição.

Art. 2.º É extinto o conselho de administração da marinha mercante e bem assim a Junta Consultiva e Direcção dos Transportes Marítimos, ficando o governo autorizado a, nos Ministérios do Comércio e da Marinha, proceder às indispensáveis organizações tendentes ao fim especial do Fomento de Comércio e Indústria Marítima e da Marinha Mercante Nacional.

Art. 3.º O saldo proveniente da liquidação de contas dos extintos serviços dos transportes marítimos constituirá um fundo destinado ao fomento marítimo e a sua aplicação será pelo governo decretada em diploma especial.

Art. 4.º O pessoal actualmente em serviço no Conselho de Administração da Marinha Mercante Nacional e suas dependências será devidamente distribuído pelos serviços dependentes dos ministérios do Comércio e da Marinha, onde a sua utilidade e prática do serviço melhor possam ser aproveitadas.

Art. 5.º O governo publicará oportunamente os regulamentos necessários à boa execução da presente lei.

Art. 6.º Fica revogada a legislação em contrário.

*Base 1.ª*—Os navios de comércio, apresados durante a guerra, em parte sob a exploração da Direcção dos Transportes Marítimos e em parte ainda hoje sob a exploração do governo britânico, bem como os armazens, anexos, aprestos e pertences na posse dos Transportes Marítimos passarão a ser explorados por uma sociedade portuguesa a constituir e que satisfaça a tôdas as prescrições consignadas na legislação portuguesa e respeitantes à nacionalidade, constante e efectiva, quer do capital social, quer dos capitães e tripulações.

*Base 2.ª*—A Sociedade, com a sua séde em Lisboa, terá como objectivo essencial a exploração de carreiras marítimas, e de modo que sirva devidamente e de preferência as Colónias e as relações com o Brasil, para o que fará a exploração dos navios, armazens, etc., a que alude a base anterior e de todos os que venha a adquirir.

*Base 3.*—A Sociedade poderá recorrer a outras entidades portuguesas de indiscutível crédito e reconhecida competência técnica para a exploração de quaisquer carreiras por forma que não sejam diminuídas as vantagens que para o Estado resultem das presentes bases, e poderá exercer directamente ou por intermédio de outras formações dela dependentes todos os ramos de comércio e indústria pertinente ao seu objectivo principal, ou que lhe interessarem ou com elle tenham correlação de qualquer espécie.

*Base 4.ª*—A Sociedade obrigar-se-á a fazer ao Estado um empréstimo de 20.000 contos ao juro annual de 5% e amortizavel durante o prazo da concessão.

O valor dêste empréstimo será representado em obrigações, do juro de



5 %/o, emitidas pelo Governo e isentas de toda e qualquer contribuição ou imposto. No orçamento geral do Estado se inscreverá a verba necessária ao pagamento do juro e amortização das obrigações a emitir. A Junta de Crédito Publico fará o serviço do referido empréstimo e receberá do Estado a parte da partilha de lucros a ela consignada, e os suprimentos que pelas receitas gerais do Estado forem acaso necessários no serviço do empréstimo.

Durante um prazo de dez dias, a contar da data do contrato a outorgar, o Governo terá opção para receber da Companhia a importância do empréstimo em libras ao câmbio de 8\$00 escudos ou seja 2.500.000 £.

O valor do empréstimo servirá de caução ao integral cumprimento do contrato e nêle se farão as deduções que de direito lhe devam ser feitas.

**Base 5.<sup>a</sup>**—A Sociedade gozará para os seus navios de todas as facilidades e regalias que ao presente gozam a companhia Nacional de Navegação e os Transportes Marítimos e no que respeita à exploração de transportes marítimos será isenta do pagamento de qualquer imposto ou contribuição com excepção da predial e por todo o tempo da vigência do contrato com o Estado.

## Alemanha

**Perdas durante a guerra.**—Um radiograma oficial enumera as seguintes perdas durante a guerra: 1 couraçado, 1 cruzador de batalha; 6 velhos cruzadores couraçados; 3 cruzadores modernos; 10 velhos pequenos cruzadores; 7 canhoneiras: 8 canhoneiras fluviais; 39 caça-torpedeiros; 21 grandes torpedeiros; 41 pequenos torpedeiros; 28 draga-minas; 9 cruzadores auxiliares; 122 barcos de pesca e 199 submersíveis.

As perdas em homens, incluindo os dos corpos de desembarque foram 946 oficiais; 5.222 oficiais inferiores e 12.686 praças.

A *Vossische Zeitung* diz que dos 199 submersíveis perdidos durante a guerra 7 foram internados em portos neutros e 14 foram destruídos pelas suas guarnições. Perto de 3.000 homens da guarnição foram mortos, e alguns milhares foram encerrados em Manicómios.

O almirantado britânico assevera que 21 caça-torpedeiros alemães se perderam na batalha da Jutlandia, na qual tomaram parte perto de sete flotilhas alemãs: Uma de tais flotilhas quando completas, compreendia 11 unidades.

**A esquadra alemã, afundada em Scapa Flow.**—Eis os nomes dos 24 navios alemães internados em Scapa Flow e que foram afundados pelas suas guarnições.

Cruzadores de batalha: *Seydlitz Hindenburg, Derfflinger, Moltke, Von der Tann*

Couraçados: *Kaiser, Kronprinz Wilhelm, Friedrich der Grosse Koenig, Koenig Albert, Kaiserin, Bayern, Markgraf, Prinz Regent, Luitpold, Grosser Kurfurst e Baden.*

Cruzadores ligeiros: *Karlsruhe, Frankfurt, Nurnberg, Brunner, Köln, Bremen, Emden e Dresden,* 50 caça-torpedeiros do tipo mais recente.

O maior navio afundado era o Bayern de 28.000 toneladas.

Declarou o Almirante Von Reuter que a ordem para não deixar cair navio algum nas mãos dos inimigos, lhe foi dada no principio da guerra pelo Imperador Guilherme, e que não fez mais do que obedecer a essa ordem.



O valor da esquadra alemã que devia ser entregue aos aliados, no acto da assinatura do tratado, era estimada em 1.750 milhões.

O sinal do afundamento foi dado por meio de uma bandeira roxa içada no navio almirante.

## Inglaterra

**Os grandes cruzadores ligeiros.**— Numa interessante memória do actual director das construções navais inglesas Sir Eustace Tennyson d'Eyncourt, veem dados muito elucidativos sôbre os enormes cruzadores ligeiros construídos durante a guerra dos tipos Furious e Courageous, um do primeiro tipo e dois do segundo.

Estes navios foram estudados com a idéa de possuir barcos com altíssima velocidade e com potente armamento, de dimensões tais a poder manter a sua velocidade no mar em tôdas as circunstâncias, mas tendo um calado de água inferior ao dos outros navios ingleses ou inimigos, de maneira a poderem navegar em águas baixas.

A sua protecção é análoga à dos cruzadores ligeiros a que nos temos referido; o calado de água foi mantido a cerca de menos 1<sup>m</sup>,5 ao dos grandes navios, e o armamento, próprio para aniquilar os navios ligeiros do inimigo, ficou estabelecido em 4 peças de 381<sup>mm</sup> em duas torres.

O armamento secundário era fixado em 18 peças de 102<sup>mm</sup> montadas em seis reparos triplos.

No primeiro armamento, o *Courageous* andando a tôda a fôrça com mar grosso, mostrou uma certa fraqueza a vante da torre da prôa de 381<sup>mm</sup>, verificando-se uma solução de continuidade na estrutura longitudinal, pelo que foi preciso aplicar fortes reforços. O *Glorious* não apresentou êsse inconvenientes mas foi igualmente reforçado. Dêste facto se pode deduzir que difficilmente poderá ser mantida em serviço a velocidade de 32 milhas com forte mar da prôa.

O *Furious*, semelhante aos dois precedentes, deve montar 2 peças de 457<sup>mm</sup> em vez de 4 de 381<sup>mm</sup>. Foi transformado, antes do seu acabamento em transporte de aeroplanos tendo sucessivamente às torres de 457<sup>mm</sup> um grande hangar para 10 aeroplanos e com grande plataforma de 90<sup>mm</sup> à pôpa de duas chaminés. Foi mantido o armamento secundário, 10 peças de 140<sup>mm</sup>, e foram montados 18 tubos lança-torpedos de 533<sup>mm</sup> em grupos triplos, todos na coberta, 12 a ré e 6 a vante.

Como complemento da informação que demos sôbre êstes navios, damos as suas restantes principais características: Comprimento 240 metros proxima-mente, bôca 26<sup>m</sup>,72, calado de água 6<sup>m</sup>,55, deslocamento 19.405 toneladas; fôrça da máquina 90.090 cavalos indicados imprimindo ao navio a velocidade de 31<sup>m</sup>,5. Carga normal de combustível (nafta) 762 toneladas; capacidade total dos depósitos de combustível 3.455 toneladas, couraçamento «à amurada» chapa de 76<sup>mm</sup>; às extremidades 51<sup>mm</sup>, nas casarmatas, barbetes e anteparas 178<sup>mm</sup>, torre de comando 254<sup>mm</sup>; espessura dos pavimentos, protecção de escotilhas, etc., espessura variável entre 25<sup>mm</sup> e 76<sup>mm</sup>.



# BIBLIOGRAFIA

## I — LIVROS

### França

- 1 GABRIEL Hanotaux, de l'Académie française. *Histoire illustrée de la guerre de 1914*. Fascicules 110 et 111. Paris impr. G. de Malherbe et C<sup>ie</sup>; l'Édition française illustrée (Gounouilhou, éditeur), 30, rue de Provence. 1919. Deux fascicules in-4 à 2 col. de 24 p. de texte et d'illustrations. N.º 110, p. 101 à 120. N.º 111, p. 121 à 140. Chaque fascicule, net. 1 fr.
- 2 R. POMMEREUIL chef de bureau au ministère des finances. *La guerre économique 1914-1917*. Direction du contrôle des administrations financières. Guide pratique de législation et de réglementation douanières à l'usage des industriels, des commerçants et des fonctionnaires. Supplément n.º 1 (15 juillet 1917). Poitiers, impr. et libr. P. Oudin, 22, rue Saint-Pierre-le-Puellier. 1917. 2 brochures in-8. Supplément n.º 1. p. 353 à 414. Supplément n.º 2 p. 416 à 488.
- 3 R. POMMEREUIL, chef de bureau au ministère des finances, direction générale des douanes. *La guerre économique 1914-1917*. Législation et Réglementation douanières. Guide pratique à l'usage des industriels, des commerçants et des fonctionnaires. Supplément n.º 2 (5 septembre 1918).
- 4 Amlens avant et pendant la guerre. *Un guide, un penarame, une histoire*. Paris, impr. Kapps. Clermont-Ferrand, Michelin et C<sup>ie</sup>, éditeurs. 1919 (5 juillet). In-8, 56 p.
- 5 GÉNÉSALE DU MARTRAY. 1870-1871. *Lettres de l'Armée du Rhin et de captivité et Relation de la rentrée des archives de l'armée du Rhin en France* au mois d'avril 1871 publiées avec une préface et des notes explicatives par le colonel Du Martray-Tours, impr. A. mame er fils. 1919. In-8, IV-33 p.
- 6 *Service des subsistances militaires. Notices concernant l'exécution des différentes branches de ce service*. T. 2, comprenant les notices n.ºs 10 à 18 inclus. Édition mise à jour jusqu'au 1<sup>er</sup> mars 1919. Limoges, impr.-libr. éditeur Henri Charles Lavanzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1919. In-8, 875 p. 8 fr.
- 7 JUST Arnoux. *Bombardement et occupation de la ville de Cille par les Allemands*. 1914-1918. Lille imprimerie A. Devos, 204 rue Solférino. 1919. In-8, 316 p. et gravures.
- 8 LÉON Gobert, rédacteur en chef du «Journal des réfugiés du Nord». *La guerre dans le Nord. L'Agonie d'Armentiers* (août 1914-octobre 1918). Paris, impr. H. Roberge, 17 rue du Terrage. 1919 (28 mai). In-8, III-118 p. 2 fr. psar poste : 2 fr. 25.



## Inghilterra

- 1 BINGHAM (Commander the Hon. Barry) *Falklands, Jutland and the Bight*. Cr. 8vo, pp. 155. *J. Murray*. n. 6/
- 2 BUCHAN (John) *Nelson's History of the War*. Vol. XXIII. The Dawn. Cr. 8vo, pp. 312. *Nelson*. n. 2/6
- 3 BUCHANAM (Capt. Angus) *Three Years of War in East Africa* 8vo. *J. Murray*. n. 12/
- 4 COOK (Frederick G.) *Uraining for Young England*. Cr. swd. pp. 98. *Gale & P.* n. 2/
- 5 COOP (Rev. J. O.) *Story of the 55th (West Lancashire) Division*. Cr. 8vo, pp. 184. *Daily Post (Liverpool)*. 2/
- 6 COOPER (Commander H. Spencer) *The Battle of the Falkland Islands - Before and After*. 8vo, pp. 236. *Cassell*. n. 6/
- 7 CORPORAL'S CORNER. Edited by W. M. Letts. Cr. 8vo, pp. 165. *Wells Gandner*. n. 2/6
- 8 DEVAS (Fr. Dominic) *From Cloister to Camp*. Being Reminiscences of a Priest in France, 1915-1918. Cr. 8vo, pp. 210. *Sands*. n. 3/6
- 9 DOORBY (G. S.) *The Handmaiden of the Navy*. Cr. 8vo, swd. *Villiams & N.* n. 2/6
- 10 *Flags of All Nation*. 8vo. *Geographia*. n. swd. 1/6, 3/6
- 11 *French (Field-Marshal Viscount) 1914*. With Maps. 8vo, pp. 1441. *Constable*. n. 21/
- 12 GILL (Lieut.-Col. N. J.) *The Aerial Arm. Its Functions and Development*. With an introduction by Major Gen. Sir W. Sefton Brancker. Cr. 8vo, pp. 168. *Aeroplane & Gen. Pub. Co.* n. 6/6
- 13 *Girl Guide Laws (The)* Cr. 8vo, swd., pp. 64. *Pearson*. n. 6d
- 14 *Glimpses of the Great War*. (Letters of a Subaltern from Three Fronts.) Edited by His Wife. Cr. 8vo, pp. 134. *Theosophical Pub. House*. 3/6
- 15 *Golden Horseshoe (The)* Written and Illustrated by Men of the 37th Division, B.E.F. Folio, swd., pp. 112. *Casell*. n. 3/6
- 16 HAIG (Sir Douglas) *A Rectorial Address de livered to the Students in the University of St. Andrews, May 14, 1919*. Cr. 8vo, pp. 22. *Henderson & Son (St. Andrews)*. 1/
- 17 *Handbook for the Women's Royal Air Force*. Cr. 8vo, pp. 152. *Gale & P.* n. 2/6
- 18 HAY (Ian) *The Last Million*. Cr. 8vo, pp. 306. *Hodder & S.* n. 6/
- 19 HURD (Archibald) *The British Fleet in the Great War*. 2nd edition. 8vo, pp. 268. *Constable*. n. 7/6
- 20 JOHNSTON (Captain M. A. B.) and Yearsley (Capt. K. D.) *459 Miles to Freedom*. Cr. 8vo, pp. 295. *Blackwood*. n. 7/6
- 21 KEIR (Lieut.-General Sir John) *A Soldier's Eye View of Our Armies*. Cr. 8vo, pp. 245. *J. Murray*. n. 6/
- 22 *King's Royal Rifle Corps Chronicle, 1916*. Cr. 8vo, pp. 594. *Warren & Son (Winchester)*. 15/
- 23 MCTAGGART (Lieut.-Col. M. F.) *Hints on Horsemanship*. Cr. 8vo, pp. 177. *Heinemann*. n. 7/6



- 24 MARCOSSON (Isaac F.) *S.O.S. America's Miracle in France*. Cr. 8vo, pp. 346. *J. Lane*. n. 7/6
- 25 MR. PUNCH'S *History of the Great War*. 8vo, pp. 303. *Gassell*. n. 10/6  
*178 Siege Battery, R.G.A., B.E.F., France*. 1916-18. Cr. 8vo, pp. 135.  
*Chorley & Pickersgill (Leeds)*. 5/
- 26 *Reminiscences of a Territorial in the D.C.L.I., on Service in Egypt, Asia, and Africa in the Great War*. Cr. 8vo, pp. 95. *Bowering (Plymouth)*.
- 27 ROBERTS (Cecil) *Training the Airmen*. Cr. 8vo, pp. 92. *J. Murray*. n. 3/6  
 «Times» *History of the War (The)* Vol. XIX. 8vo, pp. 472. *The Times*.  
 n. 12/6 : 15/ : 17/6
- 28 TIMMIS (Major R. S.) *Notes on Horsemanship*. 18mo, swd. *Forster Groom*.  
 n. 1/6
- 29 VOLKONSKY (Prince P. M.) *Volunteer Army of Alexeiev and Denikin*.  
 Short Historical Sketch of the Army from its Origin to Nov. 1-14:  
 1918. Cr. 8vo, pp. 34. *Russian Liberation Com.* 6d
- 30 WALTON (Thomas) *Know Your Own Ship*. 16th edition. Revised by  
 John King. (Reprinted.) Cr. 8vo, pp. 414. *Griffin*. n. 9/

## II — PERIODICOS

### Portugal

- 1 *Revista de Artelharía* n.ºs 181 e 182 de Julho e Agosto de 1919. Aparentamentos sobre a artelharía pesada francesa durante a guerra. Algumas palavras sobre Obuses e Artelharía pesada de campanha. Preparação do tiro. Impressões de França. Noticiário. Bibliografia.
- 2 *O Instituto*, n.º 8 de Agosto de 1919. Um precursor português de Wilson. Dois ineditos acêrca das ilhas do Faial, Pico, Flores e Corvo. As duas embaixadas do 1.º Marquês de Niza a França (1642 a 1646 e 1647 a 1649). Curiosidades historicas e artisticas. Ourives de Coimbra.  
 N.º 9 de setembro — As duas embaixadas do 1.º Marquês de Niza a França (1642 a 1646 e 1647 a 1649). Historia da instituição da Santa Ordem da Cavalaria e das ordens militares em Portugal. Dois ineditos acêrca das ilhas do Faial, Pico, Flores e Corvo. Ourives de Coimbra. Curiosidades historicas e artisticas.

### Brasil

- 1 *Boletim da Sociedade Medico-Cirurgica Militar*, n.ºs 9 a 12 de Março a Junho de 1919. Aptidão para o serviço militar no Brasil. Correntes galvanicas no beriberi. Cholera-morbus. Prophylaxia da febre amarela. Saneamento rural. Um caso de aneurisma silencioso da aorta ascendente. Excellencias do assucar. Analyses. Pelas associações medicas.
- 2 *O Tiro de Guerra*, n.º 6 de Julho de 1919. A remodelação das sociedades de tiro. Episodios Militares da Historia Militar do Brasil. A obe-



diencia. As verdadeiras causas da decadencia das Sociedades de Tiro. Organização material e tactica das marchas. A nobre cruzada. Conferencia sobre a infantaria. O valor da expedição a Barreiros. Direito e disciplina. Etc.

N.º 8 de Agosto. A remodelação das Sociedades de Tiro. Tenente Coronel Leão de Souza. O culto á bandeira e o culto aos symbolos. Conferencia sobre a infantaria. Liga da defesa nacional. Concurso de tiro de Maio de 1919. Pontos para os exames de reservistas. Etc.

## Chile

- 1 *Revista de Marina*, n.º 372 de julho e agosto de 1919. El general D. José Ignacio Zenteno, ministro de marina y fundador da nuestra Armada. Lo que significa para Inglaterra el ataque a Ostende y Zeebrugg. Cargo del constructor naval. Magnetismo del acero intermediario. La batalla de Jutlandia. Enfermedades causadas por el T. N. T. Valvulas termoelectronicas. Explicación elemental sobre circulos, curvas y rectas de altura, metodo Alessio para determinar la situación. Nuevas tablas nauticas de altura y azimut. Altura de cerros con teodolito. La Armada Aérea. Cuestionario de compases. Notas profesionales. Cronica Nacional. Etc.

## Cuba

- 1 *Boletin del Ejercito*, n.º 42 de Agosto de 1919. El Gas como agrecion — Esparcimiento de una nube de gas. Empleo de la artilleria de campaña con la infanteria. La batalla de 1918. El libro del almirante Jellicoe. Nuestros ancorazados de combate. El fundamento de la disciplina. Cirujanos del ejercito hacen largos vuelos. Etc.

## Espanha

- 1 *Estudios Militares*, n.º 7 de julho de 1919. Por el Rif y Yebala. Historial de Borbón, xvii de Infanteria. A proposito de la batalla de Cannas. El moderno armamento de la Infanteria. Revista extranjera. Revista de la Prensa.
- 2 *Memorial de Artilleria*, n.º de setembro de 1919. Recocido de los aceros. Disposiciones de proyecto para los establecimientos fabriles y la influencia del tipo elegido en su capacidade de produccion. Piquete para efectuar la punteria por alineación a vanguardia. Aviación — Resistencia pasiva. Proporción de artilleria en los frentes de batalla y en las unidades modernas. Sobre el empleo de la artilleria antiaerea. Aparatos para la proeba de alambres y otros efectos. El empleo industrial del «glucinio». Bibliografia. Etc.
- 3 *Memorial de Caballeria*, n.º 40 de Outubro de 1919. El Rey, Vitoria e el Arma de Caballeria. Reorganización de la cria caballar en España. La caballeria inglesa en las primeras operaciones de la guerra. A



- propósito de los caballos españoles con cuernos. Una ojeada por las grandes paginas de la Historia. E E. U U. de la America del Norte. La organización del Ejército moderno. Italia : cronica de las acciones de caballeria. Em Valladolid : La marcha de los Húsares. La primera especial : Recuerdos del pasado. Los fallecidos del Arma. Estudio critico sintetico de las causas del desastre turco en la guerra balkanica. (1912). Etc.
- 4 *Memorial de Infanteria*, n.º 93 de Outubro de 1919. Reflexiones sobre el modo de escribir la historia. Estado de Rumania á su entrada en guerra. Beni-Said. Líneas de Guipúzcoa. Problemas tácticos del Teniente Balédent. Las escalas. Ligeras ideas sobre lo que debe ser nuestro ejército colonial en Africa. Transmisión de señales por medio de la luz invisible—La referencia y la corrección del tiro por el sonido. La futura organización militar. Noticias militares. Etc.

### Suissa

- 1 *Revue Militaire Suisse*, n.º 10 de Outubro de 1919. La fortificacion permanente dans la guerre actuelle. A propos des peines disciplinaires. Autrefois et aujourd'hui. Chronique suisse. Informations. Bulletin bibliographique.